

ILUSTRAÇÃO

N.º 213 — 9.º ano



O TERREMOTO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1755

(Grav. extraída do livro "Beautés de l'Histoire du Portugal" de J. R. Durdent)



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃOS

O meu menino

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

USE O CREME

Rainha da Jungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M.^o CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O "ROUGE" FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

AGENTES: STETTEN & C.ª Lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa

As edições da
LIVRARIA
BERTRAND,
encontram-se à
venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso

Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES



Julgar que, para a mulher, os sofrimentos periódicos são obrigatórios, é um equívoco. Dois comprimidos de Cafiaspirina renovam o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS— Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : amigas do homem : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... **12\$00**

encadernado ... **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRÊS MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice:</i> Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones", A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas, na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys", — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CÓDIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

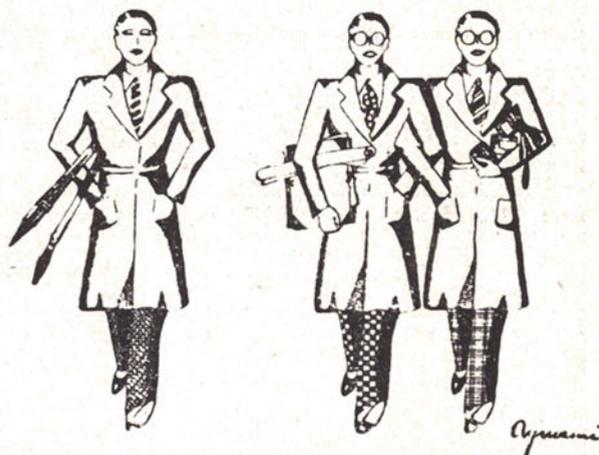
≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
21368 **IRMÃOS, L.^{DA}**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PARA muitos o ano começa em Outubro. Termo das colheitas, abertura do ano escolar, regresso às ocupações, mudanças de temperatura, de vestuário, muitas vezes até de govêrno, prestam como motivos para fundamentar aquele modo de ver.

Janeiro conta-se apenas como ano novo oficial para efeitos que ao sentimento não interessam. Dentro dessa cronologia reconheceremos que principiamos mal. E se auscultarmos os augúrios, ou palpitar os prognósticos é lícito avançar que não se afigura de bom s'igno o tempo próximo. Os indicadores depois de examinados com vagar despertam emoção grave. Vem do estado de alma difundido no mundo, pela mór parte dos povos, que acabam de manifestar-se com o seu tributo de acção nos acontecimentos agora ocorridos.

A revolução em Espanha, o crime de Marselha, a inquietação da Europa Central, bastam para provocar o bater de dentes ao mais tranqüilo dos europeus, pois nenhum, mesmo dos raros que nesta hora respiram ambiente de paz, vê sem receio o futuro imediato. No que nos toca de perto alguma coisa surgiu que basta para cortar-nos o socêgo do último quinquênio, conquistado à custa de dores. Aquela U. R. I. ou União das Repúblicas Ibéricas prometida pelos fabricantes de felicidade que operam na península, é das tais, de causar zumbidos. A ventura consistia em acomodar o pedaço de planeta daquém Pirenéus à moda oriental. Teríamos nesta doce terra atlântica mais uma U. R. S. S. a que se acrescentaria um O por conta da posição no extremo ocidente europeu. Ficaria um URSSO completo com boas patas para matar as mōscas que nos pousassem na frente.

Era êsse o programa redentor dos Indalécios que no país visinho sonham com o império erguido por Filipe II, o prudente, visionado há pouco por Afonso XIII, o futil.

Mudado de aparência, pintado de outra côr, não difere na essência do eterno propósito, como não difere o pensamento e acção dos czares e de Estaline, do Kaiser alemão e de Hitler. Há um eslavismo, um germanismo, como há um castelhanismo no sangue do russo, alemão e espanhol, a que as vicissitudes ideológicas não põem cōbro. Com capitalismo ou marxismo, com individualismo ou colectivismo a ideia central persiste.

A antiga Austria do Sagrado Império com a sua fórmula do A. E. I. O. U. deu expressão nítida ao que dormita no fundo de cada alma.

«Austria est imperare orbi universale». Muda de latitude para latitude apenas.

CRÓNICA DA QUINZENA

a primeira letra. As restantes persistem iguais para todos. Ora convém entender que o «imperare» não se resume em representações teatrais de indumentária vistosa. A realidade consiste em proveitos materiais. Imperar é deitar a mão ao bem alheio; dominar para partilhar, ou se quisermos perceber melhor, rapinar. Também podemos traduzir o fenómeno pelo acto de desviar o produto para longe do lugar de produção.

A Roma antiga ia buscar à Britânia, à Gália, à Lusitânia, à Síria, à Grécia o que lhe servia para edificar o Forum, as Termas de Caracala, o Coliseu e demais prodígios que lhe asseguraram a sua grandeza por todo o sempre.

Também a Rússia actual ao empregar fundos na expansão da Sovietia pelo globo deve pensar rehavê-los, se a empresa fôr coroada de êxito.

Moscovo receberia um dia o tributo que Cesares e Papas coligiram durante milênios e lhes serviu para organizar o compêndio de maravilhas hoje contempladas nas margens do Tibre.

De lamentar é que os povos, mediante uma troca de palavras se deixem iludir até consentirem a canga que por várias artes lhes aplicam no pescoço. Obedientes à espada, ou a uma doutrina vertem a mesma talha a favor de estranhos que para longe distraem o trabalho de vassallos.

Sem o confessarem, sem talvez o perceberem êles próprios, era o que procuravam os castelhanos de 1934, no resultado prático final a par dos actuaentes em 1580. E andaram portugueses metidos na conjura, talvez saudosos da escraavidão, como pela sua parte também os espanhois o andam da que oferecem os moscovitas.

Nisto se resume a interpretação trágica do estado de alma que nesta hora grassa pelo mundo, e se acha expresso no movimento revolucionário do país visinho. Confrange o espectáculo, quando assim se lhe descobre o sentido, em especial pelo que traduz de morbidez, ou loucura colectiva, muito difícil de remediar.

O massacre do rei Alexandre da Jugoslavia e de Barthou procede da situação demencial que se atravessa, em muitos pontos semelhantes á observada nos tempos que precederam 1914.

Que seja o atentado proveniente de uma psicologia bulgara, hungara, ou simplesmente germanica pouco importa.

O ponto sinistro a descobrir é o motivo da acção e a maneira como foi executada, com todas as características de exaltação mística. Determinou-o um fanatismo preparado em longa catequese. Fenómeno individual, não. Procedimento de louco, ou energumeno, de modo nenhum. Tem de ver-se a eclosão de sentimento colectivo, forte, dominador. Procedente de onde?

O único processo de investigar consiste em saber a quem aproveita o acto. Os dois homens representativos que o executor de um alto mando chacinou, iam ocupar-se do concerto da paz europeia, ameaçada pela ambição germanica.

Seguirá nesta direcção o rasto do fenómeno? Indícios verdadeiros, ou forçados vieram a público para mostrar que Berlim mantivera relações com o grupo de orientais que operaram em França.

Nada se provará de seguro. Guardadas as suspeitas o mundo permanecerá na anciedade. A política tenebrosa ha-de proseguir na rota que traçou em directriz da nova catastrophe. E a Alemanha proseguirá o seu destino de perpétua fermentadora da guerra, porque no seu território se geram os tufões que assolam o ocidente.

Talvez que o facto proceda de qualquer força imperativa, fatal, que a natureza humana não sabe vencer.

Tivemos uma crise de govêrno, acontecimento que deve regosijar-nos.

Estas mudanças obedecem a uma necessidade social, qual é a de quebrar o tédio público. Os povos aborrecem-se de ver os mesmos homens a dirigi-los. Deriva o sentimento da esperança no milagre impossível.

«Estes não o conseguiram? Talvez os próximos sejam os redentores.»

Ciente dêste fenómeno psicológico universal Mussolini que em tais artes se revelou mestre, de tempos a tempos refunde o seu ministério. Êle próprio muda de posto, mete uns, tira outros, baralha, recompõe. Fá-lo com a devida prudência, de modo a assegurar a continuidade da acção governativa. Assim logra distrair a opinião e alimentar-lhe a esperança. Govêrno novo, pensa o governado, pode ser que realise o prodígio. Qual? O traçado pela Bíblia na descrição do paraíso.



Niceto Alcalá Zamora

reais, tivesse impedido as execuções, criaria um tal ambiente que ainda hoje seria rei de Espanha.

O presidente da República, tendo condenado tais violências, não podia cometê-las, mesmo que daí lhe resultasse alguma vantagem. Entretanto, a parte direita do governo organizado por Lerroux exigia sangue, muito sangue, devendo ser fusilados antes de mais nada, sem apêlo nem agravo, o antigo ministro socialista Largo Caballero e o presidente da Generalidade catalã, Luís Companys. Os restantes condenados iriam sendo fusilados por turnos, consoante o horário de trabalho dos executores.

Alcalá Zamora reagiu apesar de tudo, e procurou um apoio nos sinceros republicanos.

Tal como sucedera, em 1873, ao presidente Salmeron, não os encontrou unidos e capazes de fazerem frente ao perigo que ameaçava a República.

Fôra organizada uma revolução pelos republicanos que pretendiam derrubar o governo de Lerroux e pediram o apoio da Catalunha que nada tinha a perder com isso. Nada conseguiram. Sobre eles correram duas peças diametralmente opostas a empalmar a acção: os direitos que viam a possibilidade do regresso da

República Espanhola entrou numa fase angustiada que faz lembrar a de 1873, após a repressão dos movimentos cantonalistas. Nessa altura, Salmeron, eleito presidente, teve energia para reprimir os rebeldes que foram julgados e condenados à morte. Mas o chefe do Estado não concordava com tais extremos. Um homem não tinha o direito, em caso algum, de suprimir a vida a um seu semelhante. As Cortes recusavam-se a abolir a pena de morte e o presidente da República, coerente com os seus princípios, recusava-se, por sua vez, a assinar as sentenças que lhe apresentavam.

Sucedeu isto em 1873 e está sucedendo agora. Salmeron acabou por demitir-se, após mês e meio de amargurada chefia do nação. Pouco depois foi expulso, indo refugiar-se no seio acolher de Paris.

Qual será o destino de Alcalá Zamora que, à semelhança do seu digno antecessor de há quarenta e nove anos, não querê manchar de sangue os seus pergaminhos de homem coerente, ponderado e justo.

Fusilar para quê? Para erguerem amanhã um monumento aos executados que passariam a ser mártires dum ideal?

Alcalá Zamora não podia deixar de notar que foi no sangue dos fusilados de Jaca que o rei Afonso XIII escorregou. Se, num gesto romântico, o derradeiro Bourbon avançasse para o local do suplício, e, valendo-se das suas prerrogativas



Uma manifestação de grevistas em Madrid

A Republica Espanhola entre graves perigos

DE SALMERON A ALCALÁ ZAMORA



Luis Companys, presidente da Generalidade de Barcelona, que proclamou a independência da Catalunha

talá surgiria rubra de sangue. Verificou-se, portanto, que, enquanto a esquerda acendia o lume para o seu magusto, os comunistas preparavam-se para tirar as castanhas.

Do triste balanço desta aventura sangrenta ficou apurado, até agora, que além dos revoltosos mortos, que foram às centenas, a força pública perdeu 120 praças, sendo de 497 o número de feridos. Em Oviedo, só em 13 dias foram enterrados e queimados 600 cadáveres, 200 dos quais não foi possível identificar.

E os mortos e os feridos nos restantes pontos em que o movimento teve ramificações?

Valeria a pena derramar mais sangue?

Por isso, Alcalá Zamora reagiu, coerente com os seus princípios humanitários.

Sente-se, no entanto, que alguma coisa de muito grave está para acontecer, se o chefe do Estado, valendo-se de todo o seu prestígio, não conseguir entravá-la a tempo. Para a realização deste prodígio, é necessário que todos os republicanos ponham de parte os seus ódios e as suas paixões e se unam numa frente única, formando uma muralha inexpugnável de defesa à República ameaçada pelos seus inimigos da extrema direita e da extrema esquerda.

Poderá conseguir-se isto? Ainda chegarão a tempo?

Em qualquer dos casos, Alcalá Zamora, procedeu bem. Podem derrubá-lo, expulsá-lo até, mas a sua consciência manter-se-á tranqüila.

Fusilar para quê?

Um governo tem o dever de velar pela segurança do Estado e pela vida e haveres da população. Pode e deve impor à força e reprimir com o rigor que for necessário toda e qualquer alteração da ordem pública. Nessa altura, correrá o sangue que tiver de correr. Mas, passado esse momento, sufocada a revolta, não deve mandar fusilar os vencidos que se encontram indefesos e talvez arrependidos da sua loucura.

Por outro lado não é de boa



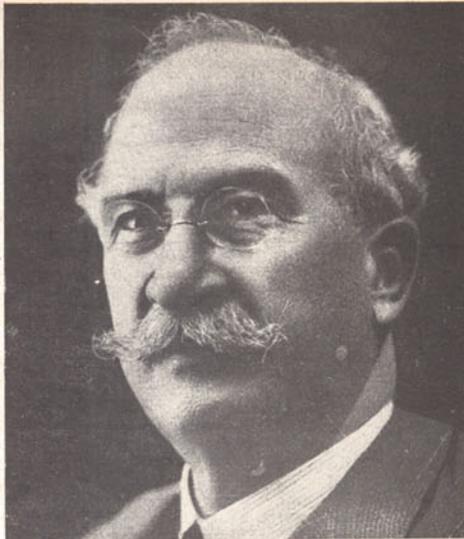
O antigo chefe do governo, Manuel Azaña indignado presidente da República Federal

política exercer violências que, longe de servirem de escarmento, avolumam rancores e geram reacções tenebrosas.

Foi este o critério de Alcalá Zamora e foi há meio século o mesmo o do seu antecessor Nicolás Salmeron que, impossibilitado de lutar, renunciou ao seu mandato, indo acolher-se no seio da França.

O que irá suceder? Voltou a afirmar-se que o

Alejandro Lerroux



ex-rei Afonso de Bourbon não era estranho aos empreendimentos das direitas, e que se aproximara o mais possível, aguardando o momento de fazer a sua entrada triunfal em Madrid. Com efeito, os republicanos espanhóis alarmaram-se ao saber que o ex-soberano se encontrava já em Paris.

Soube-se depois que Afonso XIII, obedecendo aos conselhos dos seus partidários, consentirá em divorciar-se da rainha Victoria, afim de conseguir um herdeiro isento do terrível mal da hemofilia.

Será assim? Mas se o rei se divorcia para casar novamente, quando é que o herdeiro que poderia surgir não se sabe quando, estaria em condições de substituir seu pai? A fidelidade monárquica manter-se-ia firme até à?

É certo que a parábola do octogonário plantando uma noqueira, que só dali a muitos anos dará fruto, não deixa de ter uma moral interessante. Mas ensinado nos tempos do califa Harun-Al-Raschid tinha um sabor que Afonso de Bourbon não poderá dar-lhe nos dias que vão correndo.

Persiste, portanto, uma dúvida que afflige tanto os extremistas como os conservadores.

Espanha apresenta-nos o aspecto duma praça de toiros em que «diéstros», bandarilheiros, picadores, povo e rezes se misturarem numa confusão sangrenta que nem toda a guarda civil é capaz de serenar. Uma luta de paixões mesquinhas em que se perdem dezenas de vidas e vai sendo destruído o que de melhor tem sido levantado pelo esforço de longos anos de trabalho.

Sangre y arena! Corre o sangue, e é das artérias da Pátria que êle sai. Se a sangria é sempre indicada para primeiro socorro às congestões, oxalá que, após êste transe hemorrágico, o país visinho entre no sossego a que, como todos os outros, têm direito.

Eis o que o patriotismo e a pureza de ideais dos republicanos sinceros irão decidir nesta hora angustiosa para o país visinho.

Que as paixões mesquinhas tenham menos força do que o dever a cumprir e seja assim evitado mais derramamento de sangue numa luta fratricida que nada poderia trazer de útil nem proveitoso para uma pátria, cuja alma anseia por socego, paz e abundância.

O momento histórico da proclamação do efêmero Estado Livre Catalão



FIGURAS E FACTOS

Dr. J. Reis Gomes

[Carreira aérea Lisboa-Tanger]



No dia 20 do mês findo efectuou-se a inauguração da carreira aérea que passa a ligar a nossa capital com a cidade de Tanger no norte da Africa. Um dos principais objectivos desta carreira é proporcionar comunicações por via aérea com a América do Sul. Foram passageiros na viagem inaugural o sr. comandante Judice de Vasconcelos, director da Aero-Portuguesa e o nosso camarada da Imprensa Artur Portela. A gravura representa a assistencia no campo de Alverca à partida do avião.



DR. J. REIS GOMES, o illustre escritor que, da Pérola do Atlântico, se tem farto de atrair pérolas do seu talento aos seus milhares de leitores. Desta vez apresenta-nos «O Anel do Imperador» — outro livro delicioso.

João Baptista Ribeiro

Homenagem a um benemerito

A fôrça do mar



JOÃO BAPTISTA RIBEIRO, cavaleiro da Torre e Espada, que foi ajudante do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa e cujos restos mortais foram trasladados para o jazigo monumento a que tinha direito.



No dia 17 de Outubro efectuou-se no cemitério dos Prazeres a trasladação dos restos mortais do agente de policia reformado, Joaquim Augusto de Andrade, que levou uma vida humilde e modesta a proteger a infancia sem amparo. Chegou a ter confiados ao seu carinho e em sua casa 24 crianças orfãs.



UM golpe furioso do mar arrebatou ha dias para o largo este guindaste de 2.500 toneladas do porto de Leixões.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

NA notícia referente a alguns expositores premiados na Exposição Colonial do Pôrto publicada na página 37 do número anterior onde se lê Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos do Pôrto deve ler-se Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Incêndio do palácio de Queluz

A excelente fotografia do incêndio do palácio de Queluz publicada no nosso último número é da autoria do sr. Francisco dos Santos Cordeiro. Por ter saído «gralhado» o nome, aqui o repetimos rectificado com o nosso pedido de desculpas ao lesado.

Dr. Aires de Sá



Foi recentemente promovido a tenente-coronel médico do quadro de saúde da Índia Portuguesa o sr. dr. Aires de Sá, distinto professor da Escola Médica de Goa e notável cirurgião.

Viagem aérea a Timor



HUMBERTO DA CRUZ, tenente de aviação experimentado e empreendedor, planeou e está realizando um extenso vôo de Lisboa a Timor. As despesas de viagem foram cobertas por subscrição pública a que as Câmaras Municipais do país e as autoridades deram o seu valioso concurso. Humberto da Cruz vai acompanhado pelo mecânico Lóbatto. A gravura apresenta um aspecto da partida do campo da Amadora, na madrugada do dia 25 do mês passado.

A nova princesa Maria Pia de Saboia

O príncipe Humberto de Piemonte, futuro rei de Itália, têm já uma herdeira, e este facto encheu de regosijo o povo italiano que organizou festejos e fez repicar os sinos durante dias consecutivos.

Quando se efectuou o baptizado da princesinha, seu pai quis que se chamasse Maria Pia como sua tia que foi rainha de Portugal e uma das mais desventuradas soberanas de que há memória.

Desejaria o príncipe de Piemonte afugentar o estigma que pesava sobre este nome tão querido e tão desgraçado na sua ascendência?

Também elle se chamava Humberto como seu avô barbaramente assassinado em Monza, e esta coincidência não o preocupava. Tencionava ser um rei com o prestígio do seu antecessor Humberto I, "o das mãos brancas," que, em pleno século XI, fundara a Casa de Saboia.

Se o nome podia ter alguma influência nos destinos de quem o usa, iria procurar essa influência ao primeiro Humberto da sua dinastia.

Mas o nome de Maria Pia, que venturas tinham a bafejá-lo?

Essa princesinha ruiva da Casa de Saboia teve a infelicidade de ficar orfã de mãe aos 7 anos de idade.

Não começava bem a história desta princesa encantada no seu palácio de Turim. Um dia, tinha ela 15 anos, foram buscá-la para desposar o rei D. Luís I de Portugal e efectuaram o consórcio por procuração na sua cidade natal.

Estava casada e ainda não conhecia o marido que lhe tinham dado.

No dia 6 de Outubro — fez agora 72 anos — entrou em Lisboa entre as aclamações do povo que se mostrava tão entusiástico como o de Itália ao festejar agora o nascimento desta outra princesa Maria Pia.

Para o desembarque da nova rainha foi construído um pavilhão no Terreiro do Paço, representando o templo do Himeneu que ostentava inscrições feitas pelo poeta António Feliciano de Castilho. Uma, do lado norte:

*Da bela Itália estrela soberana,
sêde bem vinda à praia lusitana!*

E do lado sul:

*Filha de reis herois, de reis herois origem.
em nova Itália os ceus trôno de amor te erigem*

Tudo parecia sorrir à jovem rainha que chegou a acreditar na felicidade. Não foi feliz. Mês depois do casamento não escondia o seu tédio, chegou a escrever com a aresta do brilhante do anel nas vidraças das janelas dos seus aposentos esta confissão dolorosa: "Não gosto do Luís."

A sua vida de casada durou assim vinte e sete anos e treze dias. Se alguma compensação teve foi no carinho que o povo português sempre teve por ela. Era esmoler, era dotada duma tal bondade de alma que não foi sem razão que os portugueses a reconheceram como "Anjo da Caridade."

Chegaram a afirmar que Maria Pia nunca soube dar o verdadeiro valor ao dinheiro. Talvez assim fôsse. Uma vez, querendo valer a certo necessitado que implorara a sua piedade, mandou dar-lhe 500 mil reis.

O mordómo achou exagerada a esmola. Não se atreveu, no entanto, a manifestar o seu pensamento. Limitou-se a contar o dinheiro em libras e a colocá-lo num tabuleiro em local bem visível, de forma que a soberana o visse. Com efeito, D. Maria Pia, ao passar, reparou em todo aquele monte de oiro e perguntou qual o destino que lhe iam dar.

— É a esmola que Vossa Majestade mandou dar àquele pobresinho...

— Tanto dinheiro?! — objectou a rainha, dividindo os dez castelos de libras — basta isto.

E dividiu duas parcelas, isto é, noventa mil reis.

A rainha Maria Pia, quando aa sua chegada a Portugal



A primeira fotografia da princesinha Maria Pia, filha dos herdeiros do trono de Itália

Por isso o povo a amava e lhe manifestava a sua simpatia.

Também, foi a única compensação que encontrou. O carinho que não conseguiu ter no lar conjugal.

Um dia, mataram-lhe o irmão pelo qual tivera sempre uma afeição filial.

E, como se não bastasse, assassinaram-lhe o filho e o neto que era a luz dos seus olhos. Perdeu o uso da razão e errava como um fantasma adentro das quatro paredes do palácio.

Gomes Leal, o poeta excelso da "Traição" e do "Hereje", descreveu um dos lances mais angustiosos da desventurada rainha de Portugal, nestes sentidos versos:

Quem poderá narrar as peripécias duras da Revolta a estoirar pelas praças e os cais, a confusão no Paço e as dôres e amarguras de alguns servos fieis, os gestos e as torturas da mãe beijando o filho, e as filhas mães e pais?... Uma ao Cristo a resar em tôdas as posturas; Outra, de olhos no chão, dando profundos ais.

Mas tu, sôsinha a um canto: o olhar fixo e parado, fitavas no tapete as rosas de carmim, Pareciam-te sangue, e o teu cérebro airado em tudo via sangue e o braço de Caím! De quem seria um sangue assim tão encarnado?... Tomaste um regador, alagaste o encerado, Piedosamente, após, resáste algum latim.

Dizem que estavas louca e falavas sôsinha, Sim, louca de sofrer! sim, louca de chorar!... Ai! antes fôsses tu, ó mísera e mesquinha, sem espôso, sem filho, e sem pátria, sem lar, em vez de mãe sem filho, e sem c'róa, rainha, ai! antes fôsses tu — uma chã pastorinha mulher dum pescador sobre o Tibre a cantar!...

Agora nascé na Casa de Saboia uma nova princesa Maria Pia. Que Deus faça feliz! A taça de amargura que às princezas do seu nome é destinada, foi ainda lá bem pouco tempo exgotada por uma desventurada rainha portuguesa.





Joaquim Machado de Castro, autor da escultura equestre de D. José (Da coleção de Marinha da Fonseca)

Numa amena manhã de outono, do fatal ano de 1755, em que os templos da capital regorgitavam de fiéis que, devotadamente, assistiam aos ofícios divinos do santificado Dia de Todos os Santos, foi a população alfacinha sobressaltada por um furibundo ruído do subsolo que, estrondosamente, ribombava logo após a formidanda convulsão sísmica que, como vara verde, mais uma vez abalara Lisboa.

Foi horrorizado pelo espantoso ecoar dos constantes derrubamentos, sufocada pelas emanções sulfúricas subterrâneas, espeznhando mortos, feridos e moribundos, que a turba, espavorida, fugiu, por entre os escumbros fumegantes, procurando, quasi em vão, refúgio mais seguro, e aqueles que o buscaram na margem do Tejo, as águas embravecidas, invadindo os cais, os levou na violenta ressaca.

Sucederam-se as horas, os dias, as semanas: e os tremores, as derrocadas, os incêndios, horríveis, pavorosos indescrivíveis, que deixaram tantas lares sem pão, tantas viúvas sem amparo, tantos orfãos sem carinho, tornaram num montão de ruínas, a maior parte da nobilíssima cidade, que havia sido a Corte imensa de D. Manuel I, o Venturoso, e opulenta de D. João V, o Magnânimo.

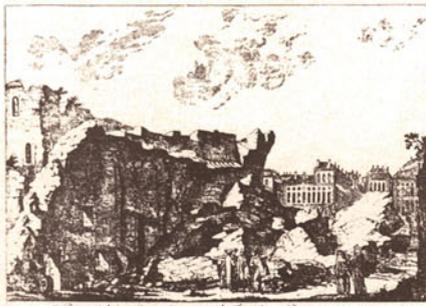
Bem se podem avaliar os prejuízos sofridos com o cataclismo de 55, lendo a seguinte passagem dum tratado da História de Portugal, composta por uma sociedade de literatos ingleses: «No espantoso terramoto de Lisboa, que pôs por terra uma grande parte dela, perderam-se quasi vinte mil casas, apenas tendo restado trinta mil que se pudessem habitar com segurança, e debaixo das suas ruínas e nos boqueiros que o chão abriu, ficaram sepultas vinte e quatro ou vinte

cinco mil almas. Orçou-se o total de prejuízos de estrangeiros, em 252 milhões de moeda francesa, e os de nacionais, em 200.000 milhões, a saber: nos Paços de El-Rei, na Patriarcal, na Alfândega, nas Sete Casas e no Teatro Real, 25 milhões; nas Igrejas e casas particulares, 700 milhões; em móveis de toda a espécie, um milhão e duzentos milhões; em trastes de templos como vasos sagrados, estátuas e quadros, 32 milhões; em diamantes e mais pedraria, jóias e baixas, 50 milhões, sobre 30 sómente em diamantes da Coroa.»

Nesses dias de luto, ainda não se tinha extinto o pânico, já El-Rei D. José I, acompanhado do seu ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, do Duque de Lafões, do Marquês de Alegrete, do general Marquês de Alorna, e de outros dignitários da corte, examinava os funestos resultados da catástrofe, e distribuía palavras de conforto aos suplicantes que d'ele se abeiravam, ao mesmo tempo que o seu primeiro ministro, com férrea energia e notável ponderação, dava as mais urgentes providências, para que fossem prestados os indispensáveis socorros que a angustiada situação impunha.

Foi nesta conjuntura que, em resposta a uma pergunta feita pelo Rei, ácerca do que se havia de fazer em tão grave momento, que foi proferida a célebre frase geralmente atribuída ao referido Homem de Estado: «Senhor — enterar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos.»

Certo é que poucas semanas depois, aos vinte e quatro edis do Real Senado da Cidade, erado apreciarem cinco deficientes alvites para a reconstrução da capital, os quais El-Rei muito criteriosamente anulou, com a publicação do real decreto de 3 de Dezembro de 1755, que ordenava «que da cidade arruinada fossem prontamente seus edificios demolidos, e se alinhassam as ruas com rectidão, e largura competente à comodidade dos seus habitantes; e que nos outros bairros, cujos edificios ficaram no estado de admitir conserto, se melhorassem as ruas quanto fosse possível, para que em semelhante obra, tão necessária ao bem comum, não houvesse prejuizo de particulares, estabeleceu várias providências, pelos novos decretos de 12 de Maio de 1758 e 15 de Junho de 1759.



Gravura extraída dum album publicado em 1757

O TERRAMOTO DE 1755 EM LISBOA e as suas conseqüências na transformação da cidade

Logo, a tiros de canhão, se deu principio aos trabalhos da decretada demolição, dirigidos pelo espediteiro José de Carvalho, Sargenteiro-artilheiro, por esse motivo, alcunhado sarcásticamente o «Bota-abaxo», aproveitando-se os entulhos para altear e nivelar toda a parte baixa da cidade, e, sob a direcção do proficiente architecto e engenheiro militar, Eugénio dos Santos de Carvalho, autor do traçado por El-Rei aprovado, e superintendência do Engenheiro-mór do Reino, o General brigadeiro Manuel da Maia que, no reinado de D. João V, projectara o famoso Aqueducto das Águas Livres, foi dado começo á reconstrução e modificação de Lisboa.

Prevedo-se a necessidade de que os estaleiros da antiga Ribeira das Naus estivessem habilitados a laborar prontamente, para defesa da Pátria ameaçada pela Espanha, que sete anos depois, pactuada com a França, declarava guerra a Portugal, por este não querer quebrar a secular aliança com a Grã-Bretanha, foram as obras iniciadas pela reconstrução do Arsenal de Marinha e por idéntica razão, foi a seguir construído o Arsenal do Exército, vulgarmente denominado «Fundação de Cima», edificio de equilibrado gosto artistico, do architecto francês M. Lare.

Simultaneamente ergui-se a Bolsa do Negócio, como reconhecido galardão aos comerciantes lisboenses que, generosos e solícitos, haviam contribuído com a sua algeibra, para o levantamento da nova cidade, e, para que nas ruas rectamente alinhadas possedessem os proprietários dos terrenos edificarem as suas casas com a certeza da qualidade dos habitantes e dos artífices ou mestres, fez, nesse sentido, publicar mais outro decreto, em 15 de Novembro de 1760.

Como homenagem a El-Rei D. José I, á sua Esposa, a Rainha D. Maria Ana Victória, filha de Filipe V, de Espanha, e á Princesa da Beira, D. Maria Francisca, sua filha, mais tarde Rainha de Portugal, abriram-se as ruas denominadas Nova de El Rei, Bela da Rainha e Nova da Princesa, ás duas ruas paralelas a estas últimas, desembocadas no então rectificado Rossio, e como simbolo de grandeza e majestade, foram dados os nomes de Rua Augusta e Rua Aurea, e ás restantes, foi dado a nomenclatura, não só consagrando vários Santos e Santas, como também consoante os negócios nêas exercidos.

Depois de fallecido o Coronel de engenheiros Eugénio dos Santos, foi o seu traçado prosseguido sob a direcção de Carlos Mardel, técnico húngaro que D. João V tivera mandado vir da Alemanha, para estudar os melhoramentos a fazer na parte marginal da cidade e no Rio Tejo, o qual respeitou a orientação e a traça deaquele seu antecessor, que deixara estipulado que as casas fossem todas com lojas de portas e de três andares, sendo o primeiro de vãos de sacada e os dois seguintes de janelas de peito, e rematadas no telhado por águas furtadas de trapeiras, e que, para melhor resistirem aos abalos de terra, se construissem em alvenaria e teijolo.

Para que tão extraordinária tarefa fosse realizada sem perda de tempo, foi ordenado que todas as pedreiras e fornos de cal do termo de Lisboa, e as matas florestais do país, fornecessem os indispensáveis materiais, e que os experimentados canteiros de Pero Pinheiro, de Montelavar e de outros subúrbios lisboenses, trabalhassem incessantemente nas cantarias das uniformes construções projectadas.

Terminados que foram os rectangulares quarteiros da Baixa, o que com certas vantagens, garantia domicilio a quem infelizmente o perdesse, é que se começou a levantar, no mesmo espaço do anterior Terreiro do Paço da Ribeira, a soberbíssima e bem enquadrada Praça do Comércio, por

esta maneira apelidada como prémio aos comerciantes do país que, com patriotismo, suportaram os onerosos encargos alfandegários que haviam sido tributados, para se recruegar a capital.

Sob a hábil direcção do architecto das obras publicas, Reinaldo Manuel dos Santos, se executou a maior parte dessa harmoniosa praça que Eugénio dos Santos architectara, e D. Pedro V e D. Luiz I só muito mais tarde quasi concluíram, e, simultaneamente, ao meio dêsse vasto e bem localizado recinto, o escultor Joaquim Machado de Castro, insigne discípulo da célebre Escola do Risco em Lisboa, coajuvado por quatro dos seus melhores alunos, esculpiu e levantava o majestoso monumento assim pormenorizado nesta descripção, extraída do «Gabinete Histórico», de Frei Claudino da Conceição, definidor e examinador sinodal do Patriarado de Lisboa, Prégador Régio e Cronista do Reino:

«Na memória consagrada ao Rei Dom José primeiro, se sobe, por seis degraus de cantaria, a um plano, cuja superficie tem 72 palmos de comprimento por 62 de largo. Neste plano assenta um seço de 12 palmos de altura, 48 de comprimento e 371 de largura, tendo os cantos cortados de forma que fica fazendo a figura de uma cruz. Nos dois braços estão dós grupos de excelente esculptura, tendo as figuras as faces voltadas para o rio, donde se considera a entrada da cidade. O grupo que fica á direita, representa o Triunfo, tirando pela rédeas um cavallo, que atropella um prisioneiro de estatura gigantesca, e o que fica á esquerda, representa a Fama com um elefante, que pisa outro prisioneiro de igual estatura, e em ambos os grupos estão espalhados vários despojos da guerra. A alegoria dêsstes dós grupos é que Portugal, em diversos tempos, tem tido muitos e gloriosos triunfos, principalmente nas duas partes do mundo designadas pelo cavallo e elefante: a Europa e a Ásia. . .

«... De entre os grupos nasce o pedestal com o comprimento lançado para a frente do Tejo, que tem de altura 32 palmos, de comprimento 27 e de largo 18; as duas faces a que se encostam os grupos, são planas, e a frente e revés convexas. Na frente dêsse pedestal, estão relevadas as Armas Reais de Portugal, e pendentes delas uma grande medalha em que outra vez avulta a effigie do Marquês de Pombal, e onde agora estão as Armas do Senado da Câmara de Lisboa, representadas em um navio com o côrvo á pópa e outro á proa. . .

«... Na face que olha contra a cidade, se vê um painel em baixo relevô, e nele a Generosidade Régia, representada em uma mulher com coroa na cabeça e vestes reais; desce de um tronco, na acção de dar a sua protecção á Cidade de Lisboa, que se figura em outra mulher desmaiada, encostando a mão esquerda a um escudo as Armas do Senado; tem a Generosidade junto a si um leão, que é o seu simbolo. Ao lado direito, aparece um varão armado de malha e lança, tendo na mão um ramo de oliveira, pelo qual denota o Governo da Republica em acção de querer levantar a cidade. Um Génio, coroado de louro e de uma estrêla, e com três coroas igualmente de louro na mão esquerda, representando o Amor da Virtude, com a direita pega no braço do Governo da Republica, e o guia á presença da Generosidade Régia, a quem inculca os intentos que ella tem de levantar a Cidade. Parece esta aprovar o desígnio, e com a mão esquerda lhe marca o sitio da reedificação, onde já se divisam principios de edificação em colunas e muros, e com a direita lhe aponta os meios com que ella pode ir ávante, que são o Commercio, Providencia Humana e Architectura, personallizado o Commercio em um varão ricamente vestido que, ajoelhado,

oferece á Régia Generosidade um cofre aberto, com inensas riquezas e junto a dêsas os symbolos que o designam, a cegonha e as mós de moinho; a Providencia Humana, em uma mulher coroada de maduras espigas de trigo, sustentando na mão um leme e as duas chaves, e, como falando com o Commercio, lhe mostra a Architectura, representada em outra figura de mulher que, pegando com a mão direita no esquadro e compasso, com ambas segura a planta da cidade, que lhe quer entregar para guia de reedificação. . .

«... Sobre este pedestal, todo rodeado por uma grade de bronze de bello lavor, está collocada a grande estátua do Senhor Rei Dom José I, montado sobre um soberbo e elegante cavallo, vestido de armas brancas, alusivas á heróica fortaleza com que este immortal Soberano salvou e defendeu os seus Povos dos estragos e machuções, que não tinham menor fim que a ruina absoluta da Monarquia; empunha na mão direita o cetro, e com a esquerda toma as rédeas do cavallo. As cobras e os silvedos, que estão espalhados pelo revoltô terreno que pisa o cavallo, são allusões aos grandes embarcos que se venceram para a reedificação de Lisboa, e ás máximas vicissitudes que se extinguiram para felicitar o Estado. . .

«No sóco, que fica por baixo do pedestal, se cravou a seguinte inscrição latina:

JOSEPHO I. AUGUSTO. PIO. FELICI. PATRI. PATRIAE. QUOD. REGIS. JURIBUS. ADERTIS. LEGIBUS. EMENDATIS. COMMERCIO. PROPAGATO. MILITIA. ET. BONIS. ARTIBUS. RESTITUIT. URBEM. FUNDITUS. EVERSAM. TERRAEMOTU. ELEGANTIORUM. RESTAURAVIT. AUSPICE. ADMINISTRO. EJUS. MARCHIONE. POMBALIO ET. COLLEGIO. NEGOTIATORUM. CURANTE. P. Q. O. BENEFICIORUM. MEMOR. F.

Só depois desta estátua equestre haver sido fundida, de um único jacto de bronze, no Arsenal Militar de Artilharia, pelo tenente-coronel Bartolomeu da Costa, e, por meio de engenheiro inventivo português, a serem collocado no seu respectivo pedestal, foi que, já então alquebrado pela doença, El-Rei D. José I, acompanhado das Pessas Reais, dos dignitários da Corte e dos altos Poderes do Estado, veio assistir ao descer-



Gravura extraída dum album publicado em 1757



Ritrato do príncipe D. José, usário nas Netes Josephas

ramento pomposo da sua própria effigie, realizado no dia de terça-feira, última oitava do Espírito Santo, 6 de Junho de 1775, em que completava sessenta e um annos de idade.

Uns vinte mezes decorridos, salvava a funeral a artilharia das fortalezas e das náas do Tejo, annunciando a morte desse Rei arguto e prestimoso, e tão infausto acontecimento foi origem da queda brusca e desamparada do maior e mais vigoroso propulsor da ciclopéica empresa da reconstrução da cidade de Lisboa, o grande português a quem, por méritos e incontestável valôr como estadista, o seu soberano fizera Primeiro Ministro de Estado, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal.

Como conseqüência dêsse facto, foram paralisadas todas as obras ainda em execução na Real Praça do Commercio, e sómente mais tarde, dezoito annos depois, o muito amôr filial da Rainha Dona Maria I, arrostando com todas as más vontades que, na sombra, se moviam, conseguiu concluir a sublime maravilha, assim concluída numa ode:

Oh! como a lusa prole, Cheia d'assombro, na futura idade, Do real vulto verá na egreja mole Brilhar a majestade! Virão, ah! sim, virão de toda a parte, Oh inclita cidade, Os povos pela fama arrebatados O grão colosso a véz, prodigio da arte; E em tôrno á forte base derramados Dirão, á angusta effigie contemplando: Foi êste o forte, o justo, José, da pátria pai, que a pátria alcançou Deu panno a nauvãis, a estranhos susto.



As grandes convulsões da superfície terrestre obrigam por vezes o solo a tomar o aspecto estranho que esta fotografia representa

Os tremores de terra ocupam o primeiro lugar entre os mais terríveis flagelos que ameaçam a Humanidade. Bruscadamente, sem que nada o deixe prever, uma convulsão tremenda da crosta terrestre pode devastar regiões imensas, reduzir a montes de escombros cidades que, momentos antes, eram belas e animadas, dizimar uma população que vivia despreocupada, na ignorância do cataclismo terrível que se preparava nas entranhas do globo.

Alguns terremotos ficaram assinalados na História, de tal modo foi profunda a influência que exerceram na vida dos povos. Ficou célebre, entre outros, o de Lisboa em 1755, que modificou totalmente a fisionomia da nossa capital. Calcula-se em 60.000 o número de pessoas que sucumbiram nessa pavorosa hecatombe, cujos vestígios são ainda hoje bem evidentes na configuração da cidade. Dizem as crônicas do tempo que o mar se ergueu quinze metros acima do seu nível e que as colinas se fenderam até à base, subvertendo edifícios inteiros.

Em 20 de Fevereiro de 1835, a cidade de Concepción no Chile foi destruída em seis segundos por um abalo violentíssimo. Valparaíso, outra grande cidade do Chile foi completamente arrasada em 1906 por um terremoto em que perderam a vida mais de quarenta mil pessoas.

Um dos mais extraordinários fenómenos que no género se conhecem é o de Riobamba, na república do Equador, ocorrido em 4 de Fevereiro de 1807. O abalo não foi precedido nem acompanhado por qualquer ruído subterrâneo. Só vinte minutos mais tarde é que os habitantes das cidades vizinhas de Quito e Ibarra ouviram uma enorme detonação que não se registou do local da catástrofe. O que caracteriza este abalo é que se produziu no sentido vertical, como se resultasse da explosão duma mina. O solo



Um edifício público em Jmalapur, na Índia, depois do último sismo que devastou aquela região

OS GRANDES TERRAMOTOS

podem ser previstos pela ciência com uma antecedência de vinte horas

cidade e que excedeu em intensidade o de S. Francisco.

A ciência tem sido impotente, até hoje, para provenir essas catástrofes ou atenuar-lhes os efeitos. O abalo sísmico ocorre sempre de súbito, colhendo o homem no seu labor quotidiano ou despertando-o do sono para a mais trágica realidade. Algumas vezes, o fenómeno é precedido de ruídos subterrâneos que anunciam a sua aproximação. Mas, mesmo nesse caso, o espaço de tempo que medeia entre os dois factos e de tal modo curto que impossibilita toda a tentativa de salvação.

Outras vezes, a Natureza, que é cheia de contradições, previne o homem de catástrofes imaginárias que nunca chegam felizmente a produzir-se. Assim sucedeu, por exemplo, na cidade de Guanaxato, no México, onde em Janeiro de 1784 foram ouvidos trovões subterrâneos formidáveis, que ficaram conhecidos pelo nome de *brandidos* e a que não se seguiu o receado abalo. O naturalista Humboldt, que observou directamente o fenómeno descreve-o da seguinte maneira:

«Dir-se-ia uma tempestade subterrânea. O ruído cessou como tinha começado, isto é, gradualmente. Era limitado a uma pequena área; a poucas dezenas de quilómetros dali, sobre o terreno basáltico, nada se ouvia. Quasi todos os habitantes foram tomados de pânico; abandonaram a cidade onde tinham acumulado grandes quantidades de prata em lingotes e foi preciso que os mais corajosos viessem depois disputar os tesouros aos saltadores que deles se tinham apoderado. Durante todo o tempo que durou o fe-

nómeno não se sentiu nenhum abalo, nem à superfície nem nas minas próximas, a 500 metros de profundidade. Antes dessa época nunca um ruído semelhante fora ouvido no México nem voltou a sê-lo depois disso».

A sismologia não conseguiu ainda explicar de maneira satisfatória estes fenómenos que parecem desafiar a inteligência humana. As camadas profundas do globo onde eles se geram não podem ser observadas directamente e os elementos de estudo escasseiam. Assim, o conhecimento das leis que os regem continua a ser indecifrável e o sábio tem de limitar-se a registar factos e procurar estabelecer comparações.

A primeira conclusão que se tira dum exame das estatísticas é que certas regiões do globo estão mais expostas que outras aos grandes sismos, visto que eles se produzem aí com mais frequência e maior intensidade. Assinalam-se, em especial, duas zonas; a do Mediterrâneo, que interessa ao nosso país, e a do Pacífico, que abrange o Chile, o Peru, o Equador, a Califórnia e o Japão.

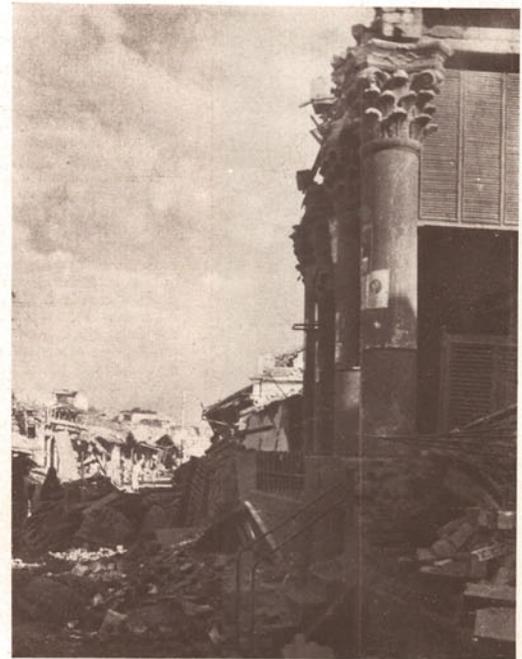
Diversos homens de ciência têm tentado encontrar uma periodicidade nos fenómenos sísmicos e procuram relacioná-los com certos ciclos astronómicos e meteorológicos como as fases da Lua, as manchas solares e as estações do ano. Todos esses trabalhos, que ainda prosseguem na actualidade, não conduziram, porém, a qualquer resultado positivo.

Não se deve, porém, concluir daqui que a previsão dos terremotos seja inacessível ao homem. É um facto demonstrado que alguns animais pressentem a aproximação do fenómeno, mercê de faculdades instintivas. Alexis Perrey conta, segundo o testemunho do capitão Fitz-Roy, que duas ou três horas antes do grande temor de terra de Concepcion, a que já nos referimos, os habitantes daquela cidade puderam notar que enormes bandos de aves marinhas voavam sobre a cidade em direcção ao interior do continente. Não custa a crer que tivessem adivinhado o que se ia passar e que procurassem refugiar-se em pontos mais seguros.

O homem mesmo não é inteiramente desprovido desse instinto divinatório. Sem falar nas maravilhosas profecias que a lenda relata, podem citar-se casos de pessoas que despertam dum sono profundo, momentos antes de se sentir um abalo.

Foi o sábio francês Nodon quem, pela primeira vez, estabeleceu duma maneira categórica a correlação existente entre a actividade sísmica e certas perturbações de origem eléctrica e magnética. Como resultado dos seus estudos, Nodon preconiza desde 1907 um método para pre-

Impressionante panorama de ruínas causadas por um abalo sísmico na Índia



visão dos terremotos baseado na observação dessas perturbações. Os seus planos foram postos em prática há pouco tempo no Chile e vão ser agora ensaiados no Japão.

O método de Nodon é duma complexidade que excede os moldes dum simples artigo de vulgarização. Diremos apenas que consiste em aparelhos registadores duma grande sensibilidade que, colocados em cavernas ou minas profundas, inscrevem num gráfico as variações das

correntes eléctricas e magnéticas que percorrem o interior da terra. E eis o que é importante: O exame dos gráficos fornecidos por esses aparelhos permite prever com uma antecedência de vinte horas a aproximação dos sismos.

É fácil calcular a importância que esse facto virá a ter se a prática confirmar as afirmações do sábio. Uma antecedência de vinte horas é tempo suficiente para evacuar grande parte duma cidade e poupar os seus habitantes à mais terrível morte. Resta dizer que um destes aparelhos permite prever o perigo mas não localizá-lo.



Fenda aberta no solo por um forte abalo sísmico

zã-lo. Para o conseguir seria necessário multiplicar o número de aparelhos registadores, disseminando-os por determinados pontos da região ameaçada. Uma vez feito isso, a comparação dos gráficos entre si permitiria determinar com exactidão o lugar exacto onde o fenómeno se vai produzir.

O professor Nodon, num notável estudo sobre o assunto, depois de relatar as suas observações, termina por dizer:

«Já é, portanto, possível actualmente prever no Chile, com cerca de vinte horas de antecedência, a aproximação dum sismo em Santiago ou em Talca. Dispõe-se assim do tempo necessário para escapar ao cataclismo. Acrescentemos que em, recentes pesquisas verificámos que as variações magnéticas locais estão estreitamente ligadas às das correntes eléctricas. Este facto parece confirmar a intervenção provável nos sismos de fenómenos eléctricos importantes que se produzem no solo. Em resumo, desejamos que estas importantes pesquisas possam no futuro pôr o mundo ao abrigo das terríveis consequências dos sismos.»

Tudo indica, portanto, que a ciência dispõe já dum método seguro de previsão que está destinado a prestar inestimáveis serviços à Humanidade.

Como facilmente se compreende a questão tem para o nosso país enorme importância, visto que a capital se encontra situada numa das principais linhas sísmológicas do globo. Parece-nos por isso da maior conveniência que a ela dediquem a sua atenção aos sábios portugueses.



Karajorge, o "Jorge Negro"

provas da sua coragem leonina, os opressores foram expulsos.

Karajorge via finalmente realizado o seu lindo sonho, ao proclamar-se chefe da nação, e com tal prestígio que foi reconhecido como tal pela Sublime Porta.

E assim nasceu a dinastia dos Karageorgevitch que, com várias interrupções, ainda reina sobre o trono sérvio.

Em 1813, após, três amargurados anos de soberania, Karajorge foi surpreendido pelo tratado negociado entre a Turquia e a Rússia e, mediante o qual, esta cedia a Sérvia à voracidade do sultão otomano. O caudilho da independência, ao ser preso e internado na Bessarabia, devia ter-se recordado das suas manadas de suínos que tantas vezes mandara vender, por seu livre arbítrio, na feira de Vichevats. Curtiu durante quatro anos o seu desespero e em 1817 apareceu em Belgrado à frente dos revoltosos.

Triunfou mais uma vez, e chegou a confiar no seu triunfo. Nem por sombras lhe passara pela mente que o seu amigo Milan Obrenovitch, porqueiro como ele, e que o auxiliara com a maior abnegação, tramava contra o chefe uma tenebrosa conjura. O negociante de gado, que fora sempre preterido nas feiras pelo seu colega Karajorge, sentia ímpetos de o suplantar no governo da nação. Esta ambição só poderia ser realizada com um assassinio... e à traição. Assim se fez. Karajorge foi assassinado em Adzagna pelos janizaros de Obrenovitch.

O matador arvora-se em "voivode", sérvio e começa a governar com toda a boa vontade de mostrar o seu valor. A dinastia do porqueiro Jorge Negro sucedia a de Obrenovitch, outro porqueiro. Como a Rússia constituía uma ameaça, o novo reinante dirigiu-se a Bucareste, afirm de conferenciar com o quartel general russo ali instalado. No entanto, os partidários do Jorge Negro vigiavam. No exército russo encontrava-se um dos filhos do assassinado que não perdeu a oportunidade de se vingar. Milan Obrenovitch foi envenenado sem ter levado ao fim a sua missão.

De guardador de porcos a governador de povos

A dinastia dos Karajorge e o regicídio de Marselha

Sucedeu-lhe seu filho Milan Obrenovitch II que morreu três semanas depois por efeito do veneno. Surgiu então o irmão mais novo Miguel Obrenovitch que se tornou logo impopular e autocrático. Um dos seus erros foi chamar para seu lado Alexandre Karageorgevitch, filho de Jorge Negro, a vítima de seu pai, e elevá-lo à categoria de seu ajudante de campo. A má fama criada pelas suas más qualidades juntava-se a campanha surda habilmente urdida por Alexandre. O povo não encobria já o seu descontentamento. Miguel Obrenovitch, não tendo perdido a sua tendência de guardador de porcos, impõe um tributo aos criadores de suínos, baseando-se nos lucros excessivos que a fácil tarefa da engorda lhes dava.

Era o momento azado para fazer eclodir a revolta. Alexandre Karageorgevitch coloca-se à frente dos insurrectos, expulsos o soberano e faz-se eleger em seu lugar como filho do herói da Independência. Do pavoroso incêndio de paixões mesquinhas que devastara a Sérvia parecia restar apenas um montão de cinzas frias. Havia ali encobertas, todavia, brasas escondidas. Tempos depois rebenta outra insurreição e Alexandre é obrigado a fugir, exilando-se na Austria. Voltam ao trono os Obrenovitch na pessoa de Milan, após um desterro de vinte anos. Um ano volvido, é assassinado, em Setembro de 1860. Sucede-lhe Miguel III que oito anos depois, é abatido no Parque de Topchtider. Vão procurar ainda à casa de Obrenovitch o sucessor necessário. Escolhem o príncipe Milão e proclamam-no rei da Sérvia, sendo este título confirmado em 1882. Mas este rei não convém. Obrigam-no a abdicar em seu filho Alexandre que tem apenas 13 anos de idade. O rei deposto parte para o exílio sem grande pesar, visto preferir a sociedade divertida de Viena e Paris ao espinhoso encargo de governar povos. Felizes tinham sido os seus avós que apenas tinham aspirado a guardar porcos e nunca lhes faltara o pão na tulha e a carne na salgadeira.

Quando a regencia entregou o governo ao jovem rei Alexandre II, este procurou esposa para continuar a dinastia.

Escolheu uma linda mulher que não gosava duma reputação impecável. Chamava-se Draga Machin e havia sido dama de honor da rainha Natalia, mãe do jovem rei e expulsos por intimação expressa do marido antes de abdicar. Este casamento provocou tais protestos que os partidários dos Karageorgevitch se aproveitaram deles o melhor que puderam. Na noite de 10 de Junho de 1903, os janizaros de Jorge Negro invadiram o

palácio e assassinaram os soberanos no próprio leito. Acabara ali a dinastia dos Obrenovitch, em cujo sangue, seguindo a justificação dos matadores, "corria o vírus maligno dos guardadores de porcos de Vichevats.."

Como era necessário um rei chamaram o neto de Jorge Negro que, além de herói da independência, fora porqueiro também. E assim foi proclamado Pedro I da Sérvia, herdeiro legítimo dos Karageorgevitch. Após um reinado de onze anos, o soberano foi atacado por uma grave doença que o impossibilitou de exercer o poder, sendo substituído por seu filho Alexandre assassinado agora em Marselha.

Aos 20 anos, o príncipe Alexandre começou a manifestar abertamente as suas ambições. Queria uma Sérvia enorme que abrangesse todos os Balkans, se fosse possível. Nessa intenção criou a "Liga da Morte", que iria aumentando num ímpeto avassalador que só a sua imaginação de visionário poderia conceber. Os seus discursos inflamados vale-

O atentado de Marselha



ram-lhe mais de uma vez os reparos do governo e as repreensões mais severas do próprio pai.

É até possível que o rei Pedro lhe contasse a velha lenda do príncipe Rastbo que dera o mais extraordinário exemplo de humildade adentro do mosteiro érvio de Kilindar.

Em fins do século XII, Estevão Nemanja, grão-jupão da Sérvia encontrava-se no apogeu da sua soberania. Estabeleceu em Pristina a capital do reino e incorporara-lhe, além da Herzegovina e Montenegro, algumas cidades do Adriático. No entanto, o filho do glorioso soberano, o impetuoso Rastbo, após expedições guerreiras que lhe grangearam justa fama, abandonou honras e mercês e refugiou-se num convento, onde professou. O pai tentou demovê-lo, enviando rogos aos quatro cantos do país e que, à força de serem apregoados, deveriam ser ouvidos pelo jovem místico. Como nada conseguisse, impôs a força, mas as buscas a que mandou proceder não deram resultado. Não era empresa fácil descobrir entre as escabrosidades do Monte Athos, na accidentada península macedónica, um frade humilde que esquecera o seu passado.

Os anos foram decorrendo. O orgulhoso jupão teve por fim de resignar-se a perder o filho que deveria ser o continuador das suas façanhas bélicas. Recolheu-se à sua inexpugnável fortaleza de Pristina, e, em sinal de luto, fez hastear



O rei Alexandre, aos vinte anos, o guardador da "Liga da Morte" que se vê acima

nas ameaças um estandarte negro.

Um dia, o soberano desapareceu, vindo a saber-se que fora reunir-se a seu filho Rastbo, no mosteiro de Kilindar. O velho guerreiro não fora ali para arrancar o filho à paz do claustro, mas para pedir alojamento entre os monges. Foi admitido com o nome de irmão Simeão.

Tão grandes exemplos de virtude deram pai e filho, que o imperador Aleixo, de Bisancio lhes doou a propriedade do convento de Kilindar que eles haviam reconstruído e ampliado com todas as

A Sérvia do alvorecer do século XIX estava fatigada pelos excessos da opressão turca. Mas, se era geral o descontentamento, se a ansia de emancipação palpitava em todas as almas, quem seria capaz de tomar o comando dos rebeldes e abater a arrogância do pavilhão do Crescente, cuja cör fazia lembrar o muito sangue a verter e talvez sem a menor vantagem?

Um dia, esse chefe apareceu. Chamavam-lhe o Karajorge (que quer dizer o Jorge Negro) pela sua tez extremamente morena, e era o terror de toda a região de Vichevats onde nascera. Guardava as manadas de porcos de seu pai, e mais duma vez, por meras futilidades, desmanchava feiras e levava adiante de si centenas de homens amedrontados.

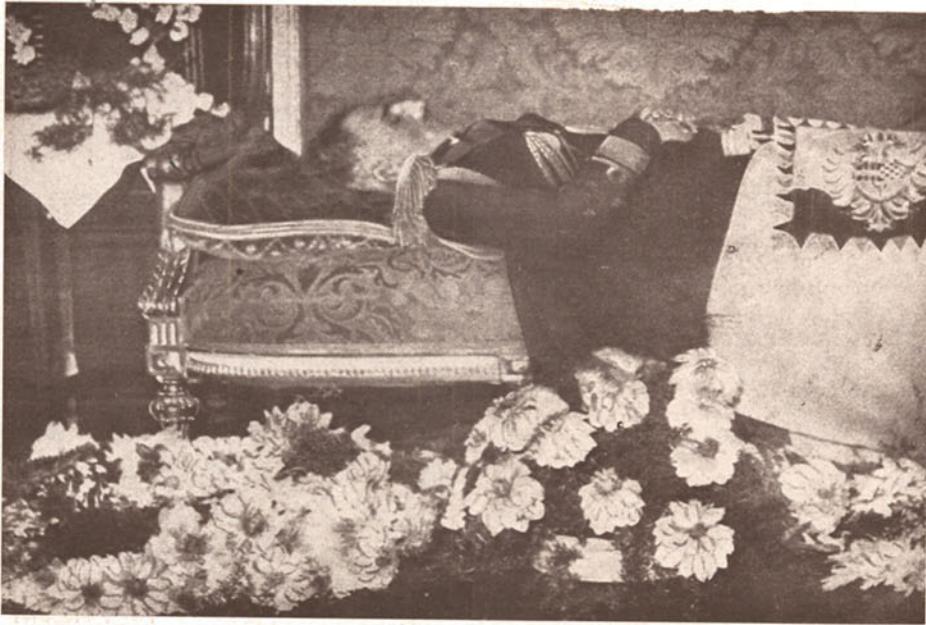
Que melhor chefe poderiam escolher?

Em 1804 os patriotas sérvios procuraram o valentão e tocaram-lhe na corda sensível — a sua vaidade. Se havia de dispendir a sua bravura, varrendo feiras e quebrando as cabeças dos seus patrícios melhor seria tomar o comando dos revoltados e fazer frente à tirania dos turcos que há tanto tempo os oprimia. Karajorge deixou-se tentar, visionando a soberania dum povo e a honra de aparecer transformado em príncipe, como se uma fada o tocasse com a sua varinha de condão.

Ser o rei da Sérvia, ele o guardador de porcos que nada mais teria a aspirar!... Que lindo sonho! Aceitou o encargo, e, meses depois, apareceu à frente dos insurrectos. Nomeou seu ajudante o seu visinho e amigo Milan Obrenovitch, porqueiro como ele, e caminhou para a luta. A sua divisa era "A Liberdade ou a Morte", tal como a dos "Ustachis", croatas que prepararam o atentado de Marselha. Após combates encarniçados que duraram cinco anos e através dos quais o antigo guardador de suínos deu



Aprietas Maria Malakina, quando casou com o rei Alexandre



suas posses. Nêsse retiro morreu o irmão

O corpo do rei Alexandre, exposto em Marselha

Simeão com oitenta e seis anos de idade. O príncipe Rastbo, aliás, o irmão Sava, passou a ser o chefe supremo da Igreja sérvia que tornou autónoma em 1219, regendo a diocese de Gitscha. Os túmulos de Simeão e de Sava, santificados pela ortodoxia grêga, passaram a ser objecto de especial veneração dos sérvios. Para honrar a memória dos seus preclaros antecessores, era tradição entre os reis da Sérvia fazerem-se coroar em Gitscha e acrescentar aos seus nomes de baptismo o de Estevão, o santo monarca que se refugiara na montanha sagrada. Se o rei Pedro, ao repretender as verduras do seu filho, lhe contou esta lenda impregnada de misticismo, pouco ou nada adiantou. As tendências bélicas mantiveram-se até o dia em que o rebenatar da Grande Guerra lhes deu novos alentos e probabilidades de êxito.

Quando o príncipe chegou à idade de casar para continuar a dinastia de Jorge Negro, escolheram-lhe a princesa Maria da Romenia, embora estivesse prometida do príncipe Boris da Bulgária.

Depois de várias negociações diplomáticas, foi ajustado o casamento e a linda princesa Maria entrou solenemente em Belgrado como espôsa do rei Alexandre.

Pensaria alguma vez em qual dos dois teria sido o melhor marido?

Boris, embora herdeiro do orgulhoso czar Fernando da Bulgária, não se preocupava muito com a anexação de territórios. Por sua vez, Alexandre, auxiliado pela vitória dos aliados, dava finalmente largas às suas ambições de sempre, intitulan-do-se rei da Sérvia, Croácia e Eslovenia.

O cadáver de Barthou antes de ser transportado para Paris



O rei Alexandre após a cerimônia do seu casamento



Entretanto, as paixões fervilhavam. Num curto espaço de tempo eram assassinados o presidente Doumer em França; o ministro Pieracki, em Varsovia; o chanceler Hitler em Viena, e o chefe do governo romeno, Duca, em Bucareste... Presentia-se em todos êsses atentados uma mão misteriosa e terrível que visava um fim...

O rei Alexandre antes de empreender a sua viagem à França, teve um pressentimento do que poderia suceder-lhe. Chamou o príncipe Paulo e deixou-lhe as instruções necessárias que deveria pôr em prática no caso de lhe acontecer qualquer desgraça. Seria nomeada uma regência, visto o legítimo herdeiro, o príncipe Pedro, ter apenas 11 anos de idade. O soberano sabia que, mais tarde ou mais cedo, os seus inimigos haviam de renovar as suas investidas.

Ao desembarcar em Marselha foi morto a tiro pelo croata Kaleman que, na ânsia de disparar, matou também o ministro francês Barthou.

Quem armou o braço do regicida?

Quem subsidiou a seita dos "Ustachis", a que o regicida pertencia? Eis o que pretende apurar-se. Barthou teria sido morto apenas pelo facto de ir ao lado do soberano?

É êsse um dos pontos sôbre que se pretende fazer luz.

Entretanto, os grandes detentores da paz mundial estão empenhados em evitar que o atentado de Marselha produza uma fâsca idêntica à de Sarajevo que provocou o terrível incêndio da Grande Guerra.

Por sua vez, a dinastia dos Karageorgevitch continuará a reinar até que apareça um

pretendente dos Obrenovitch a disputar-lhe a soberania.

A DESGRAÇA DE SER REI

O príncipe Pedro da Jugó-Eslávia, que uma grande desgraça elevou a rei dos servios, croatas e eslovenos, tem apenas 11 anos de idade, feitos no dia 6 do mês passado.

A notícia do trágico fim de seu pai foi surpreendê-lo no colégio de Sandiroyd, na Escócia, onde tinha entrado quinze dias antes. Podia lá sonhar a pobre criança o seu triste destino!

Agora, no seu palácio de Belgrado, elevado á categoria de supremo chefe da nação, o reininho Pedro deve lembrar-se dos seus condiscípulos do colégio escocês. Ali não havia altezas nem gerarquias. Eram todos iguais. O príncipe herdeiro da Jugó-Eslávia era um aluno como os outros que o tratavam por "Peter," e jogavam com êle o "foot-ball." Quando o professor afirmava que o "Peter," ainda havia de ser um "ás," da bola, o pequeno príncipe sentia-se mais orgulhoso do que se lhe dissessem que ainda havia de chegar a ser um grande rei.

Felizmente que seu pai, tendo apenas 46 anos, ainda havia de durar muito tempo para êle poder gosar a vida, ter muitos bonecos, e conseguir ser um "sportman," de respeito. O seu primo, o príncipe Miguel da Romenia também sabia jogar a bola, e tinha-se até por um bom jogador. Ah! mas quando voltasse a Belgrado, havia de pedir licença para dar um salto ao palácio de Sinaia, e iria visitá-lo. E então havia de mostrar-lhe como se jogava o "foot-ball," á moda inglesa.

Uma vez, na Romenia, (já era rei o seu primo Miguel), êste, brincando com êle no jardim do palácio, deu-lhe com uma cana na cabeça. Como êle quizesse ripostar, o primo, apelando para os poderes descricionários que a sua majestade lhe concedia, conteve-o com estas palavras:

— «Eu posso bater porque sou rei!»

O seu primo Miguel era rei... Mas um rei podia bater em toda a gente?

Um dia, o seu papá, o príncipe Carol que tinha ido para Paris havia muito tempo, apareceu em Bucareste dentro dum avião, como se tivesse caído do ceu.

Foi ao palácio, fez muitas festas ao filho, tirou-lhe a corôa de rei e foi deitá-lo na sua caminha de rendas. E o primo Miguel, sendo rei, não lhe deu com a cana na cabeça... Porque seria? Como fizesse beicinho, o papá Carol disse-lhe: — Olha, meu filho. Trouxe de Paris um boneco muito bonito que toca violino, corre em bicicleta e faz vôos de trapézio. O que preferes tu: o boneco ou a

corôa de rei que te magôa a cabecinha de inocente? O primo Miguel quis o boneco... Pudera! Para que servia a tal corôa? Ainda se ela fôsse de papelão!

É possível que o príncipe Pedro da Jugó-Eslávia estivesse sonhando isto, quando o vieram acordar com a triste notícia de que já era rei, pois tinham assassinado o seu pai em Marselha.

Levaram-no para Belgrado e foi a sua avó Maria, a rainha mãe da Romenia, que o levou pela mão, tal como o havia feito

ao seu primo Miguel. Era rei. Já podia bater com a cana na cabeça de tôda a gente...

No dia da aclamação trouxeram-lhe, como é do rito, uma salva de oiro com pão e sal que o rei deve comer em sinal de aceitar a hospitalidade. Pão e sal! Ainda se fôsse um bôlo de amêndoa ou um pastel de nata... Emfim, como era preciso comer aquilo, visto que assim lho tinham ensinado, tentou partir o pão duro que lhe apresentavam, no que foi auxiliado por seu tio Paulo. Nisto, surge na frente do reininho o Patriarca com as suas vestes doiradas e umas grandes barbas que lhe cobriam o peito. O reininho atrapalhou-se, e, não sabendo se havia de cumprimentar o grande-sacerdote, ou meter o pão na bôca, meteu-o na algibeira do sobretudo.

O jovem rei Pedro II da Jugó-Eslávia não comeu o pão da hospedagem e êste facto foi tomado pelos presentes como um mau prenúncio.

Pobre reininho!

Quantas vezes terá pensado no seu primo Miguel da Romenia? Êsse ainda foi feliz porque seu pai veio em seu auxílio e levou-lhe a corôa em troca dum boneco que, no seu entender, sempre tinha alguma utilidade.

Logo que o tornasse a vêr, havia de lhe contar estas coisas todas, e não lhe daria com a cana na cabeça, embora o pudesse fazer porque já era rei. Havia de contar-lhe o bem que passara no seu co-



O príncipe Pedro da Jugó-Eslávia brincando com seu primo Miguel da Romenia nos jardins do palácio de Sinaia

légio escocês, entre os rapazes da sua idade que o tratavam por tu, porque, no fim de contas, todos eram alunos, todos eram iguais! Que tristeza a sua, metido naquele palácio enorme, vigiado por dezenas de sentinelas que se perfilavam à sua passagem, hirtos como estátuas. Isto fazia-lhe uma grande confusão e enchia de tristeza a sua alma de criança. Não deixava de compreender que o seu tio Paulo era tão seu amigo que aceitara o cargo de regente até à sua maioridade. Mas então, porque não o deixavam voltar para o colegio da Escócia e passar por lá os sete anos que ainda lhe faltavam? Até lá podia ser que se habituasse àquela vida!

Agora, sim, agora é que êle compreendia bem a falsidade das histórias de reis e princesas encantadas. Ser rei não era bater em toda a gente como seu primo dizia, nem mandar num povo inteiro. Ser rei era ser mandado pelos deveres do protocolo, era ser escravo das exigências da realeza. Se ao assistir a uma longa cerimónia que se prolongasse pela noite dentro, sentisse sono, não podia cabecear, nem, ao menos, reclinar-se no colo de sua mãe, como todas as outras crianças fazem.

Ser rei era ser vassalo dos outros.

Ainda se seu pai pudesse voltar como o do primo Miguel... Ah! mas o seu pai não voltaria nunca!



D. João IV, fundador da dinastia de Bragança

Castle», e se sujeitou a um exílio injusto), e só procurou livrar o reino das doutrinas e dos povos estrangeiros». Afirmam que «D. Pedro fez guerra a Portugal e que D. Miguel defendeu o reino dos mercenários estrangeiros que lhe faziam guerra, até ser vencido pela força do número — e pelo ouro inglês». Garantem que D. Pedro, cometendo o acto despótico e anti-tradicional da outorga da Carta, procurou pela mesma Carta destruir os alicerces jurídicos, políticos e orgânicos das Leis fundamentais portuguesas, enquanto que D. Miguel achou que «restituído à sua Pátria, o seu primeiro dever era o de mostrar que era um príncipe português, descendente de tantos reis que haviam observado escrupulosamente as leis fundamentais da monarquia e guardado aos portugueses os seus foros e as suas liberdades», e por isso reuniu os Três Estados, aos quais as mesmas leis fundamentais marcam o poder decisivo quando há sucessões duvidosas».

No dia 14 do corrente faz 68 anos que faleceu D. Miguel de Bragança reinante em Portugal até à chegada de seu irmão mais velho, D. Pedro. Como se sabe, após a expulsão do rei absolutista, nunca os seus partidários deixaram de defender-lhe os direitos de legitimidade numa constância que causa admiração.

Decorrido mais de meio século, deu-se a imprevista morte do ex-rei de Portugal, D. Manuel II, e este facto veio trazer novos alentamentos aos defensores do miguelismo que viam uma nova oportunidade de elevar ao trono de D. João IV um descendente do filho amado de D. Carlota Joaquina.

E então voltou a surgir o velho e já sêdiço debate da legitimidade do senhor D. Miguel I que Deus tenha em descanso.

Os miguelistas alegam que «o senhor D. Pedro IV era estrangeiro, facto suficiente para o impedir de reger uma nação que repetidas vezes declarara não admitir estrangeiros no trono». Confrontando-o com seu irmão D. Miguel, salientam que este «foi o mais nacionalista do seu tempo, manifestando uma devoção fervorosa e profunda à Igreja Católica, à tradição portuguesa, e à história moral e social da sua Pátria».

Dizem que «D. Pedro foi rebelde ao seu rei e ajudou a desmembrar o reino», ao passo que «D. Miguel foi sempre fiel e obediente ao seu rei (como o prova entre outros factos, a submissão com que em 9 de Maio de 1824 ocorreu à chamada de seu pai, à nau «Windsor

A fatalidade dos Braganças

D. Duarte Nuno nunca subirá ao trono de D. João IV

e príncipe real de Portugal e dos Algarves; tendes a lei e édito perpétuo de 29 de Agosto de 1825, onde se encontram as mesmas declarações: «D. Pedro de Alcântara herdeiro e sucessor das corôas dos ditos reinos»; não falando já no decreto de 9 de Janeiro de 1817; tendes as instruções particulares dadas segundo determinação de el-rei pelo conde de Pôrto Santo ao marquês de Palmela, então nosso ministro em Londres, dadas de 19 de Novembro de 1825, para que lhe obtivesse do governo inglês o reconhecimento expresso de D. Pedro como legítimo rei de Portugal, sucessor de seu pai, e tendes o decreto de 6 de Março de 1826».

E neste sêdiço debate quem tem razão?

O povo, que poderia ser o mais interessado na solução desta contenda, não esqueceu a cantiga que atribuía ao almarife Santos a paternidade de D. Miguel, embora se afirmasse à boca cheia que o verdadeiro pai era o marquês de Marialva:

*D. Miguel não é filho
d'el-rei D. João.
É filho de João dos Santos
da quinta do Ramalhão.*

Outra cantiga informava melhor:

*Nem de Pedro,
nem de João,
mas do caseiro
do Ramalhão.*

O povo assim o dizia e proclamava nos éditos formidáveis intangíveis das suas canções.

Não pretendemos denegrir mais a reputação da senhora D. Carlota Joaquina que, segundo historiadores ilustres e imparciais, «era aquela criatura escandalosa e suja, que, mal vestida, e accorada sobre uma esteira, passava horas a cantarolar a velha trova castelhana que tão fielmente a retratava»:

*En porfias soy manchega,
y en malicia soy gitana;
mis intentos y mis planos
no se me quitan del alma.*

Isto sabe-se, isto corre e já se vincou às mais belas páginas que os mais ferrosos absolutistas têm escrito, enalte-

cendo as virtudes de D. Miguel e de sua augusta mãe. Podem os partidários de D. Pedro ou os de D. Miguel apresentar magníficas teses cheias duma bem urdida lógica que o povo, o grande analfabeto, anota-as logo com os vastos conhecimentos de muitos séculos de experiências. Vão lá convencê-lo de que D. Miguel é filho de D. João VI que ele, eterno cabeçudo, há de continuar a cantarolar:

*Nem de Pedro,
nem de João,
mas do caseiro
do Ramalhão.*

Portanto, julgamos inutil o debate entre miguelistas e constitucionais. Que se faça a história imparcial e serena, que se enalteçam as boas qualidades que Pedro ou Miguel alguma vez manifestassem, bem



D. Miguel I e D. Sofia de Leiria, no casamento

está, não esquecendo, é claro que D. Miguel se divertia «estripando galinhas vivas com um saca-rolhas» e que D. Pedro foi um mau filho e um mau marido.

As pretensões de D. Duarte Nuno, neto de D. Miguel de Bragança, não nos parecem capazes de alcançar êxito, embora tenha mantido integras as leis fundamentais da monarquia, como os seus partidários asseveram.

Os tempos mudaram. Se D. Pedro I, o «Crú», aparecesse nos tempos de hoje a dançar com o povo nas praças públicas, chamavam-lhe doído e pregavam com êle numa casa de saúde.

Os tempos vão tão desfavoráveis para os tronos que nem a monarquia de Sião se aguenta com êles. Os tempos do senhor D. Miguel não voltam, apesar da boa vontade dos sinceros miguelistas que ainda possam existir.

Quando D. Manuel II faleceu no seu exílio de Fulwell-Park, os manuelistas quizeram um novo rei na ânsia que as rãs da fábula manifestaram quando suplicavam a Jupiter um soberano. Não tendo outro à mão, aceitaram o mais encarniçado inimigo de seu amo. O que se tornava indispensável era ter um rei. É claro que nem todos os monárquicos seguiram este critério, podendo até dizer-se que a maior parte dêles se alhearam deste caso, com a muda indiferença que dão as grandes desilusões.



D. Duarte Nuno, pretendente ao trono de Portugal

Não pretendemos censurar a fé robusta dos raros miguelistas que, fieis ao seu credo, ainda esperam o regresso de D. Miguel, reincarnado num príncipe loiro e simpático, em cujas veias corre o sangue do vencido de Évora Monte.

Chegamos a ter por êles a admiração que sempre tivemos pelos sebastianistas, leitores ferrosos das profecias do sapateiro Bandarra, aguardando sempre o regresso do «Desejado», numa manhã de nevoeiro.

Nunca nos rimos da famosa profecia rimada que dizia:

*Se conservarem afínco,
no ano dum tres e um cinco
espere o povo por mim.*

Ora, «o ano de um três e um cinco» pode ser o ano que está para chegar, e, não podendo vir o rei D. Sebastianião, pode muito bem ser que apareça o seu legítimo descendente D. Miguel...

Mas... D. Duarte Nuno nunca será rei de Portugal.

Continuará a embalar êsse sônho lindo que transmitirá aos seus filhos e netos, soletrando de vez em quando, para não perder o uso da língua portuguesa, o magnífico soneto do poeta dos «Oaristos» que nos afirma que

amar sem esperança é o verdadeiro amor.

A alma subtil e sensível das flores



Margaridas.
A' direita, a orquídea

Vai chegar o inverno, segundo as últimas informações dos cristântimos que são os arautos emplumados da vaidosa camélia, devendo o seu opulento cortejo passar dentro em breve sobre relevados viçosos por entre tufos de violetas, e alamedas de dalias, cristas de galo e açafroeiros.

Dura este desfile há muitos anos, desde que os portugueses fizeram aproar as suas naus a terras do Japão.

A camélia, trazida para Portugal como uma cativa, teve sonhos de majestade e chegou a supor-se a mais bela de todas as flores. Ao penetrar neste «jardim da Europa à beira-mar plantado», quis vingá-se dos portugueses que tinham sido os primeiros profanadores dos mistérios do Sol Nascente, e desejou proclamar-se a rainha dos jardins. Ela, a escrava, idealizava uma soberania olímpica, vendo já curvados ante o seu trono portentoso todas as flores do Universo, e muito especialmente, as ocidentais. Como não tinha perfume, pediu auxílios às vio-

letas que, na sua modéstia plebeia, se sentiram honradas com o convite.

Pretendia a camélia destronar a rosa que ha de ser sempre a rainha das flores. Segura da sua soberania, a rosa limitou-se a sorrir desdenhosamente da estulta pretensão dessa inodora vergôntea da mísera japoneira.

Tudo isto se deu e ha de continuar a dar-se enquanto o mundo for mundo, porque as flores têm alma, sentem e pungem como nós.

Sempre madrugadoras, fazem a sua «toilette» ao decaibar, ungem-se com os orvalhos matutinos e sorriem aos primeiros alagos do sol.

Há flores tão bondosas que, dentro duma simples carta, são mensageiras de saudades e amores perfeitos, relatando tais sentimentos com uma eloquência que a pena não saberia exprimir. São ainda medianeiras nos arruões dos namorados, murmurando muito baixinho, de maneira que só as almas possam ouvir, ora, a súplica dum «não me esqueças» ora a revelação dum «mal-me-quer, bem-me-quer» que termina sempre em bem.

Há flores deliciosamente pecadoras como as sensitivas que se contraem ao menor contacto e seguem a direcção

Rosa e boninas



Camélia e mal-mequeres

no seu tocado o ramo de flor de lanjeira. Sigamos hoje pela vida fóra, ouvindo a eloquente linguagem das flores que pensam e sentem talvez melhor do que nós. Através da alameda da existência ha-vemos de encontrar sempre os tristes amarantos no seu prantear eterno, as camélias que pretendem ser rosas, as azalias tímidas que receiam o sol, o cardo agreste, humilde como um pobresinho, pedindo esmola às dalias opulentas que nem dão por ele, e chagas, e martirios que se prolongam, num doloroso matiz, até ao vale pacífico onde tudo acaba, limitado por um abraço de ciprestes.

Gomes Monteiro.



lela, e flores levianas com o as sécias que lembram as azalias orientais, apenas dadas aos prazeres, aos vícios e sustentação. E' que as sécias nunca perderam a sua fé chinesa, que um missionário jesuíta tentou converter certo dia, em Pequim.

Há flores tão perversas que lembram a alma de Lucrecia Borgia em todos os seus requintes de maldade. Espoços, por exemplo, que encerram o poderoso narciso que embriaga, adormece e mata.

«A orquídea? Já repararam nessa flor orgulhosa que se faz lutar-nos numa ansia de fazer mal? Vestes ricamente, e o desenho original da sua «toilette» lembra a de uma serpente.

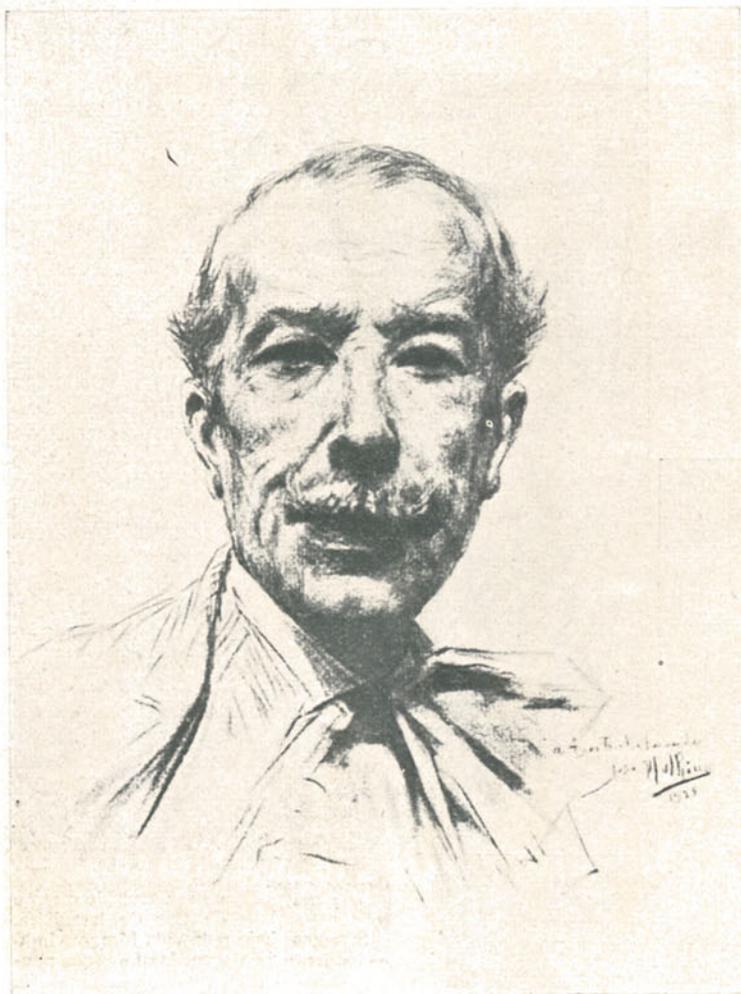
Há também flores criminosas que occultam no seu seio os olhos tenebrosos de Locusta como a rubra digitalis que mata e o anilado acónito que nos angustia. Há flores, entre tanta malvadez, tal como acontece entre a humanidade, há também flores puríssimas como os lírios que acéneas que simbolizam a virgindade, a inocência e a pureza.

Há flores têm alma, falam e sentem como nós, quer sejam as idranjas vermelhas com que os bravos do Minotauro enfeitaram as suas armas, quer sejam os missois narcóticos que mãos delicadas enviaram a algem numa verdadeira esperança, ou a braçada de goivos orvalhados e algrimas a traduzir sobre uma sepultura uma mágoa eterna sem lenitivo.

As flores têm alma, e há de ser. Dominadas pela mesma paixão com que, nos tempos idos da divina Helade, as sacerdotisas de Afrodita se tocavam de amor, nos seus deliciosos sacrifícios à deusa da beleza, as noivas de hoje não dispensam

O cardo





No primeiro aniversário da morte de Mestre Malhó

seus imitadores êle continuou a encomendá-lo ao chapeleiro que o confeccionava propositadamente e exclusivamente para o ilustre artista.

Malhó, cujas telas têm sido admiradas por nacionais e estrangeiros, não precisava dos encómios que o acompanharam na sua última viagem.

Os seus quadros, que como vem pela ternura da concepção e pela intensa expressão do

desenho, foram o seu melhor e mais eloquente artigo necrológico.

Auto-retrato do grande pintor José Malhó

Um deles — *O Fado* — que se tornou popularíssimo, porque o assunto interessante particularmente a alma da raça, foi aproveitado para um filme onde as figuras foram personalizadas, numa pose vivida, por Ema de Oliveira e Raul de Carvalho, na retalhista do amor e no fadista. Quando o autor morreu êsse quadro estava em evidência, e muito bem reproduzido, por sinal, numa revista do "Maria Vitória", cujo nome não me ocorre agora, durante a cena em que se entoavam uns compassos da canção nacional.

Por uma curiosa coincidência, fui ver essa revista no próprio dia da morte do glorioso artista, e justamente na citada altura da peça chegou à minha friza alguém com o *Diário de Lisboa* que trazia a notícia do triste acontecimento.

Zulmira Miranda e Hermínia Silva cantavam um doce e sentido fado, ao lado da tela imortal.

Mal sabiam aqueles que aplaudiam entusiasmados que a mão que essas linhas traçara jazia já inerte e fria nesse minuto evocador.

Pensei, então, como seria justo um breve silêncio de respeito pela memória do saudoso artista, em face duma das suas obras-primas, e por um milagre de transmissão, na friza fronteira, uma voz se ergueu, pedindo êsse minuto de quietação, anunciando a infausta nova.

Colhida de surpresa, a assistência teve um arrepio doloroso, manifestando o seu pesar, comovidíssima, pondo-se de pé.

E num recolhido respeito, todos os espectadores se conservaram silenciosos, prestando assim a primeira homenagem à memória de José Malhó, a essa hora em demanda dos tranquilos páramos do Além.

Nem só na indumentaria o excelso artista era conservador.

Para os seus amigos tinha igual lealdade e firmeza.

Quem entrasse, pelas tardes, na antiga livraria Portugal-Brasil, lá o encontrava, discorrendo animadamente sobre arte e factos diversos da vida actual, sempre com os mesmos companheiros: dr. Samuel Maia, dr. Júlio Dantas e Artur Brandão que fazia as honras da casa com uma cativante gentileza.

Quando a livraria acabou por um destes insólitos caprichos da natureza da sorte, a mágoa de Malhó foi pungente e sentida, assim como o de todos os intelectuais, porque não se vê desaparecer um estabelecimento de tão brilhantes tradições de olhos enxutos e sem um baque no coração.

Teve que conformar-se, porque a vida têm exigências que não esperam, nem podem adiar-se, e constantemente nos solicitam esforço e resignação.

Depois, adentro das mesmas paredes surgiu o Café Chiado, e Malhó e os amigos dilectos, sempre unidos, por ali assomavam, matando saudades entre o fumo alacre dum café e dum charuto, fantasiando ainda vultos de prateleiras carregadinhas de preciosos alfarrábios que apetecia consultar.

Artur Brandão, cofiando o bigode louro, num gesto muito seu, procurava distrair êsses longes de tristeza, contando qualquer tréla historieta.

Sei que a pena de Malhó pelo seu poiso favorito não se curava, por mais que êle próprio procurasse cicatriza-la, disfarçando-a quanto podia.

A mim, quando acontecia topá-lo no seu passo miudinho, Chiado acima, nunca êle deixava de se lastimar.

Fitando-me com os seus olhitos risinhos tocados de saudade, dizia-me:

— "Tudo o que é bom vai faltando."

"Foi uma calamidade. Temos mais um bom café para rabujar com os amigos, é certo, mas devemos confessar que o ambiente é bem diverso.

Era assim José Malhó. Fiel às suas amizades e aos seus logares preferidos.

E ultimamente vivia pensando, decerto, na quadra môça e feliz, em que tinha tudo quanto à beira do tumulto só lembrar podia.

Mercedes Blasco.

RECORDA-SE uma data lutuosa para Portugal.

Faz um ano que faleceu José Malhó, um dos mais hábeis e inspirados pinceis da nossa amada terrinha.

Quem haverá por aí, por esta cidade alfacinha, que não conhecesse o curioso perfil do saudável extinto?

Como era na sua arte pessoalíssimo e único, era-o igualmente na sua maneira de agir e no seu modo de trajar.

Sempre de grande laçarote ao pescoço, a chamada "lavalère", — designação que immortalizou num nó de gravata a formosa amante de Luís XIV, o rei-sol e que todos os pintores mais categorizados usam, como também os "saguins", os "pinta-monos", de Montmartre — Malhó, encadernado em negro, marcava, quando deambulava pelas pedrinhas do Chiado.

Mas, para tornar-se notado e servir de ponto de mira a todos os basbaques da decantada artéria citadina bastava-lhe o seu chapelinho redondo, muito típico, igual ao que o grande actor francês Dranem arvora como "couvre-chef", quando debita nos palcos dos "music-halls", as suas facécias cantadas.

Vejam lá como dois artistas de diversas aptidões tiveram a mesma idea, embora com diferentes objectivos: Malhó por comodidade, e Dranem para surtir efeito como acessório dos seus atributos cómicos.

José Malhó habituou-se a êsse chapéu, e mesmo quando passou de moda para os

Violette Nozières

não será executada

VIOLETTE NOZIÈRES, a cínica parricida que os tribunais franceses condenaram à morte não será executada porque assim está estabelecido há cerca de meio século.

A França, que se deu ao luxo de unir a sua guilhotina com o sangue de Maria Antonieta e madame Roland, acabou por considerar impróprias para a execução qualquer fêmea vulgar. Enfim, para animar as artes, poderia mandar fusilar uma outra Mata-Hari, mesmo sem prova absoluta de culpabilidade. As necessidades da guerra perdoariam estas precipitações.

Agora, em tempo normal, as mulheres não têm o direito de subir os degraus da guilhotina. E tudo isto porquê?

Porque uma parricida de apelido Thomas, sendo conduzida ao cadafalso, consoante a sentença que também abrangia o marido, desatou num tal berreiro que os guardas, o carrasco e os seus ajudantes suaram para lhe separar a cabeça do corpo.

A cena passou-se na Praça de Armas, em Romorantin, na madrugada de 24 de Janeiro de 1887. A notícia da execução propagou-se com uma rapidez espantosa. A multidão, sempre ansiosa por espectáculos desta natureza, compareceu apesar do frio que fazia.

Quando o procurador da República se dirigiu à cela da condenada e lhe notificou que o recurso não tinha sido atendido, a senhora Thomas perguntou:

— E meu marido?

— Vai vê-lo daqui a pouco — responderam-lhe duma maneira ambígua — É preciso ter coragem. Chegou o momento de expiar as suas culpas. Deseja socorros religiosos?

— Não. Desejo apenas uma chávena de café bem quente. Está muito frio e receio constipar-me...

Esta ironia deu a impressão aos assistentes de que estavam na presença duma mulher corajosa que saberia afrontar a morte como um homem.

Ajudaram-na a fazer a «toilette» de execução, e, quando a conduziram ao local do suplício, recomendaram-lhe mais uma vez:

— Tenha coragem.

— Saberei tê-la, descansem.

Mas, quando se apercebeu da máquina fatal que o nevoeiro mal deixava vêr, a condenada, tomada dum pavor horrível,

tentou escapar-se aos seus algozes, gritando como uma possessa:

— Piedade! piedade! não me matem... Quero viver para os meus filhos!

Rugia, espumava, soluçava, mas ninguém a atendia.

Nisto atirou-se ao chão e recusou-se a ir mais além. Os guardas levantaram-na em pé e levaram-na até à báscula, onde a estenderam. A condenada fugia com a cabeça, sendo necessário que o carrasco a puxasse pelos cabelos até a colocar, melhor ou pior, na posição adequada. A mísera gritava sempre:

— Miseráveis!... Larguem-me!... Quero viver!... Tenham dó dos meus pobres filhos!... Tenham piedade!...

Ouviu-se um ruído surdo...

— Piedá...

A cabeça da condenada caiu no cesto. Estava feita justiça!

Quando chegou a vez do marido, êste avançou sem a menor hesitação, e estendeu-se voluntariamente na báscula, sem soltar uma palavra.

Desde então, os chefes de Estado nunca mais assinaram sentenças de morte aplicadas a mulheres, por mais abominável que fôsse o seu crime.

Chegou agora a vez a Violette Nozières que não ocultou a sua culpa. Assassinara o próprio pai num requinte de malvadez e parecia ostentar ainda com orgulho o seu feito repugnante.

Os juízes, ao cabo dum movimentado processo, resolveram condená-la à morte, visto ser um bem livrar a sociedade dum elemento tão perigoso. Aquela mulher não manifestava o menor sintoma de arrependimento. Se a restituíssem à liberdade, a sua primeira preocupação seria assassinar a mãe que a tinha recriminado, por entre lágrimas, em pleno tribunal.

A sorte da ré estava decidida. Não havendo margem para o menor apêlo, nem surgindo a mais leve circunstância atenuante, Violette Nozières seria condenada à morte. Matara em pleno uso das suas faculdades mentais, tentara ocultar o seu crime, iludindo os vigilantes da lei, e portanto, devia ser guilhotinada.

Não valeu a interposição do seu defensor que, em caso extremo, pretendeu convencer os juízes de que um tal crime não podia ser levado a cabo por uma criatura normal. Se a parricida obedecera a uma tara de que não era culpada, tor-



Violette Nozières, a parricida condenada a morte

nava-se uma irresponsável, e o seu lugar deveria ser numa casa de saúde.

Os juízes não se deixaram convencer por tais justificações e condenaram inexoravelmente à morte. Violette Nozières continuava a manter o seu cinismo. Ao ser-lhe notificada a terrível sentença, sorriu, aparentando o maior desdém. Quando lhe apresentaram o pedido de recurso, recusou-se a assiná-lo, dizendo:

— Não careço da piedade de ninguém!

Horas depois, já no cárcere, pediu ao seu advogado que lhe levasse o recurso, pois sempre se resolvia a assiná-lo.

Houve quem dissesse: — Vale bem a pena... Crimes destes devem ser punidos com a morte. O presidente da República não lhe comutará a pena.

Nisto, surgiu a recordação da cena atroz da Praça de Armas, na pequena cidade do Loir-et-Cher, ocorrida na madrugada de Janeiro de 1887.

E foi êste o melhor recurso.

Não, a parricida, embora condenada à morte, não será executada. Isto faz supôr — Deus nos perdoe qualquer má intenção — que a França, tendo feito subir os degraus do patíbulo a tantas mulheres inocentes, sente finalmente escrúpulo em guilhotinar uma criminosa.

Sobre ditos espi-rituosos de crianças poderia escrever-se um livro volumoso, mesmo sem levar em conta aqueles que todos os avós repetem e a que são eles os únicos a achar graça.

Na sua visão cândida dos homens e das coisas, as crianças têm por vezes observações subtis, comentários dum humorismo que nós, adultos, debalde tentariamos imitar. Vejamos, por exemplo, esta reflexão dum garoto de três anos, cuja rigorosa autenticidade garantimos.

Bêtinho já de há muito que se faz notar pela vivacidade e sensatez das suas respostas. No ano passado os pais foram viajar pelo estrangeiro e levaram-no.

Desde o embarque em Lisboa num dos barcos que fazem carreira para o norte da Europa, tudo constituiu motivo para as perguntas e comentários do pequeno turista.

Uma noite serena que o barco singrava nas águas do golfo de Biscaia, Bêtinho encostado à amurada perguntou para o pai, apontando com o dedo uma fieira



de luzes que brilhavam no negrume de horizonte:

— Que é aquilo, pai-zinho?

O pai que põe sempre o maior cui-

dado em satisfazer estas naturais curiosidades do filho, esclareceu:

— São as costas da França, meu filho.

Bêtinho ficou um momento silencioso, a reflectir. E depois comentou:

— Se as costas são tão bonitas, como será pela frente...

As crianças são implacáveis para a vaidade humana. Um sujeito nosso conhecido narrava há dias a um sobrinho de poucos anos, os feitos heroicos que praticara durante a grande guerra. O garoto escutava-o atentamente e em certa altura interrompeu-o para lhe observar:

— Mas, tio, se fizeste tudo isso para que mandaram mais homens para a guerra?

Uma garota de cinco anos está sentada na praia junto da mãe. Perto há um grupo de pessoas que distraem o tempo no jogo das penitências. Em certa altura um dos jogadores, para cumprir a penitência que lhe foi imposta, levanta-se, dirige-se à garota e diz-lhe:

— És muito linda!



O desconhecido volta para o seu lugar e o jogo prossegue. Mas a garota ficou apreensiva e momentos depois diz para a mãe:

— Mamã, dás-me o espelho, por favor.

A avariza dos escoceses é proverbial em todo o mundo. A história que vamos

contar pertence a uma extensa série que tende tódela a provar esse mesmo facto.

Numa noite fria de Natal, um rico escocês regressava a casa para a consoadá.

Havia neve pelos passeios.

Em certo ponto, encontrou um petiz miserável que chorava no humbral duma porta.

Comovido com o espectáculo, o nosso homem detem a marcha e dirige-se para a pobre criança:

— Que tens, pequeno, para chorares assim?

— Ai, meu senhor! — explicou a criança entre soluços — meu pai deu-me três pence para ir comprar cerveja e eu quando cheguei aqui tropecei e perdi a moeda. Agora não posso encontrá-la e se volto para casa batem-me...

— É horrível! — disse para consigo mesmo o ricoço. — Por causa de três pence esta criança vai talvez ser espancada na própria noite de Natal.

E em voz alta para o petiz:

— Não chores mais pequeno. Toma...

Levou a mão ao bolso. A criança seguia-lhe os movimentos com ansiedade:

— Toma... — concluiu ele — Aqui tens um fósforo. Acende-o e talvez consigas encontrar a moeda.



Comentários dum garoto que foi passar o estio no campo e vê, pela primeira vez, uma vaca a ruminar:

— Olha, papá, uma vaca a comer "chewing gum"!

Um circo ambulante chega a uma vila escocesa e nessa mesma tarde foram afixados cartazes anunciando as suas atracções, das quais

a mais sensacional era a de uma rapariga que se conservava três semanas sem comer.

O caso despertou grande interesse mas na noite da apresentação o circo ficou vazio. Em compensação, a jovem artista recebeu 5246 pedidos de casamento.

Um escocês recebeu de presente um aparelho de T. S. F., o que lhe permite escutar em casa os officios religiosos. No domingo imediato não perdeu a oportunidade de cumprir os seus deveres de protestante sem sair de casa e ouviu tódela a cerimónia no meio do maior recolhimento. De súbito, porém, desatou em irreverentes gargalhadas.

Surpreendida, a mulher increpou-o:

— Que é isso Artur? Que te provoca o riso num officio divino?

Mas sem deixar de rir, o marido explicou:

— É nesta altura, compreendes, que o sacristão desce à teia para fazer o peditório.

Um casal de novos-ricos, em viagem de núpcias, janta no vagão-restaurante. Terminada a refeição, o criado traz dois misteriosos recipientes de água morna onde flutua uma rodela de limão. Não sabendo que fazer daquilo, a mulher interroga timidamente o criado que, com um sorriso discreto, explica:

— Para lavar os dedos. Ao ouvir isto, o marido fita nela um olhar de superioridade e comenta.

— Quando se faz uma pergunta estúpida é bem feito que se apanhe uma resposta estúpida.

— O João anda a dizer mal de ti por toda a parte. Entendo que devias ter com êle uma explicação e chamar-lhe insolente.

— Não posso. Êle não tem telefone...



O cão foi desde tempos imemoriais, podemos mesmo dizer desde sempre, o maior amigo do homem. Fiel, dedicado, o cão mais feroz é para o seu dono o mais humilde escravo. Os dentes que matam um homem, nem sequer os mostra se fôr o dono quem o espanca. A sua dedicação é conhecida de todos, não é pois necessário pô-la em destaque.

Como guarda é admirável e como trabalhador infatigável, quando os seus serviços são bem aproveitados. Nas regiões polares os cães são atrelados aos trenós e puxam pesos enormíssimos, que eles facilmente fazem deslizar na neve. Nos países nórdicos são também atrelados a carros leves que eles puxam facilmente. Na Bélgica as leiteiras têm os seus carrinhos puxados por cães, que quando elas se ausentam são guardas atentos e vigilantes, que não permitem que ninguém toque no carrinho das suas donas. Mas não é só o cão grande, o cão útil, quer como guarda, quer como trabalhador, que tem um lugar importante na vida do homem. O simpático rafeiro, cão vulgar que se vê pelas ruas ou no campo, com o seu pêlo maltratado, mas duma inteligência vivíssima e duma grande alegria, brincalhão quando novo, tem na garotada uma camaradagem, que lhe dá um lugar importante na vida. Mas não é ainda esse cão que me ocupa hoje o pensamento, mas sim o cão de luxo, o cão que hoje em dia é um dos sinais de elegância e distinção, que acompanham os elegantes de ambos os sexos, nas praias «chics» nos passeios elegantes e nos «trottoirs», das grandes cidades. Entre nós tem levado tempo a introduzir a moda do cão. Para comodidade nossa ainda os cães não invadiram todos os locais, ainda não tropeçamos continuamente em lúlus e «pequinois». Lisboa foi uma das cidades em que mais

tarde acabou o cão vadio, e, em compensação é uma das cidades em que mais tarde também começou o império do cão de luxo. Mas introduzido e animado com concursos e festas no Jardim Zoológico, no Estoril e nas nossas vilegiaturas elegantes, o cão, começa a ter o seu inconfundível lugar, na nossa vida, como o tem nos «boulevards», no Bois de Boulogne, em Hyde Park, nos «trottoirs» de Deauville Le Touquet, Biarritz e na Promenade des Anglais, em Nice... Antigamente uma senhora em Portugal não podia sair com o seu cão. O gracioso animal era como que uma taboleta. Senhora com um cão pertencia ao «demi-monde» pela certa. Hoje toda a mulher elegante tem o seu cão de raça, que a acompanha nos passeios a pé, que se vê obrigada a fazer para manter a ambicionada linha de elegância. O cão foi sem-

pre um animal apreciado segundo a sua raça e essa segundo a moda. Henrique III de França lançou a moda dos «King Charles», esses pequenos cães brancos e felpudos, com as longas orelhas malhadas, de lindos olhos e focinho ladino.

OS CÃES E A ELEGÂNCIA

O efeminado rei passeava os seus cãesinhos num cêsto, forrado de setim que lhe pendia do pescoço seguro por uma fita e aí as ninhadas da sua cadelinha preferida, eram conduzidas pelo rei para toda a parte. Sarau no



Louvre, conselhos de ministros e não sei se até na igreja não se via o rei sem a cestinha dos cãesinhos, que brincavam entre si ou dormiam pacificamente o sono dos irracionais. Era célebre o lindo lúlu de Mrs. Robinson que Gainsborough immortalizou num célebre quadro que está na Wallace Collection e que foi presente real de Carlos II de Inglaterra. Foram célebres os galgos de Gabriel D'Annunzio, os galgos que ele immortalizou nas páginas maravilhosas do seu livro «Il Fuoco». Conhecidíssimo o «rouquet» da condessa Dubarry, irrespeitoso e rabujento, que não poupava as canelas de ninguém e que segundo indiscrições da história até as de Luiz XV mordicou, quando diante dele se aproximava mais do que ele achava conveniente, da sua formosa dona. Há modas para cães, mas a verdade é que

quem tem um cão afeiçoa-se-lhe e, não tem coragem de o substituir, porque deixou de ser elegante possuir um lúlu e passou a ser de bom tom ter um «coekney» um «toy-terrier», um «show-show» ou «settler». O que é interessante observar nos centros de grande elegância, é que as melhores harmonizam a sua «silhouette» com o cão favorito que as acompanha no seu passeio higiênico ao «Bois» ou a Hyde Park, onde elas passeiam para dar saúde e para mostrar o seu requintado «chic». A mulher alta, delgada, flexível, de aspecto misterioso, é acompanhada por um ou dois gal-

gos russos, que em saltos ondulosos fazem valer a elegância dos seus corpos, a maravilha do seu pêlo sedoso e longo. Como a sua dona faz notar a graça do seu andar, o corte irrepreensível do seu «tailleur» e com os seus graciosos movimentos, a linha do seu chapelinho de desporto, que tão linda a torna. A mulher forte e desportiva de andar firme e decidido é em geral acompanhada, por um «Grand Danois», ou por um forte lobo de Alsácia. A mulher pequenina e gentil leva trotando ao seu lado um peludo lúlu ou arrasta um pachorrento «pequinois» que com o seu focinho, que faz lembrar certas caras humanas vai bocejando indolente com o ar de quem diz, «que maçada, para o que lhe havia de dar, era tão mais cómodo dormir, um soninho na minha fôfa caminha acolhoada de setim», e todo o seu corpinho pequeno e arrastado respira a preguiça oriental Mas seja qual fôr a raça e o aspecto físico da dona a verdade é que toda a mulher «chic» é acompanhada por um cão que tem o seu «pedigree» mais ou menos aristocrático. Nos hotéis e pensões elegantes as crianças não são admitidas, mas ninguém ousa interditar a sua porta ao cãesinho de luxo embora

ele incomode ladrando e desfeiteie de vez em quando os tapetes. A mulher portuguesa até aqui, muito dedicada aos filhos, não tinha tempo para se ocupar de cães. Mas a civilização visitava-nos. As «nurses» e as «institutrices» passeiam os meninos enquanto as mães passeiam os cães e já com toda a elegância, tropeçamos nas trelas dos cãesinhos, já por toda a parte se ouve ladrar quase tanto, como falar, todos admiramos os lindos exemplares da raça canina, que se apresentam aos nossos olhos e festejamos com entusiasmo esta prova de elegância e de civilização, embora às vezes um pouco incômoda. Às crianças ainda não foi proibida a entrada nos hotéis e pensões mas lá chegaremos, porque já estamos muito elegantes e civilizadas.

Maria de Eça.



Francisco Lázaro, o maior e o mais desgraçado dos campeões do desporto português

Às 17 horas, porém, chegou o telegrama fatídico: «O corredor português Francisco Lázaro, desistiu ao trigéssimo quilómetro, vítima de insolação».

A desilusão foi amarga, a inquietação profunda. Comentava-se, futurava-se, procurava-se novos informes.

No dia seguinte outro telegrama, conciso, trágico, anunciava a morte de Lázaro.

Vinte e cinco séculos após o feito do soldado de Milcíades, ressuscitava num malgrado corredor português a lenda heroica do atleta oferecendo a vida em holocausto no altar sacrossanto da Pátria.

O dia apresentava-se extraordinariamente quente, abafado, sufocante. Não corria a mais leve brisa, e o sol, implacável, dardejava desde pela manhã raios abrasadores; o ar respirado parecia queimar os pulmões.

Francisco Lázaro acordara despreocupado, almoçara ligeiramente às dez horas com os seus compatriotas, falando confiado na prova que tinha a disputar horas depois.

Às onze horas e meia partiu de automóvel para o Estádio, dirigindo-se ao vestiário.

Fernando Correia, chefe da missão, que o acompanhava, ponderou-lhe a conveniência de se preservar de qualquer forma da mordedura do sol, levando durante a corrida uma boina basca que lhe cobrisse a cabeça, medida de prudência adoptada pela quasi totalidade dos outros competidores.

Lázaro recusou, rindo, e afirmou: «O calor não me incomoda; até folgo que o haja, o que fará afastar alguns concorrentes.»

Desde esse momento estava na mão do destino. Entretanto os restantes portugueses tomavam postos para o auxiliar durante a prova, na medida do permitido pelo regulamento.

Pereira e Stropm foram colocar-se ao quilómetro cinco, que no regresso era trinta e cinco e Joaquim Vital no quilómetro quinze que na volta era vinte e cinco.

A todos o coração palpitava ansioso, e no escasso grupo dos portugueses era, sem dúvida, Lázaro o mais sereno, o mais senhor de si.

Lançou-se na luta confiado, seguindo a tática habitual, regulando de início o andamento sem entusiasmos precipitados, guardando forças para o ataque decisivo na parte final do percurso.

Com êle partiram setenta corredores, representantes das mais variadas raças, escolhidos entre os campeões de todas as nações do mundo. No peito de cada um deles ardia a mesma esperança que abrasava, em silêncio, o peito de Lázaro.

Quando a ida passou por Vital, após 15 quilómetros, seguia em 27.º lugar, muito à vontade e recuperando já terreno sobre os homens que o precediam. À volta, aos vinte e cinco quilómetros, vinha em 18.º, perto dos primeiros, e disse a Vital que se sentia bem, apenas com sede.

Pediu água, e o médico do pósto de «control» consentiu que bebesse, mandando um escoteiro satisfazer-lhe o pedido. Este largou correndo e Lázaro bebeu sem parar. Na volta da estrada Vital perdeu-o de vista, seguindo na mesma passada, harmoniosa e fácil.

Depois, os companheiros postados no quilómetro 35, esperaram por êle em vão; a paciência inicial transformou-se com a passagem dos primeiros em magada desilusão e, após o desfile dos últimos, em fundo sobressalto.

Que se passara? Que era feito de Lázaro? Meteram-se num automóvel e abalaram, estrada adiante, à sua procura. Ninguém sabia dar conta

UMA FIGURA DO DESPORTO

O tragico fim de Francisco Lazaro na Maratona Olímpica de 1912 em Estocolmo

do corredor português; confrangiam-se as almas no presentimento da alguma tragédia.

Foi o ministro de Portugal, dr. António Feijó, quem a confirmou; fôra no Estádio, informado do que se passara e procurava por sua vez a delegação portuguesa para lhe dar conhecimento do sucedido. Lázaro caíra na estrada, em pleno esforço, prostrado por uma insolação, e fôra conduzido ao hospital, em estado grave.

Depois de saçada a sede que o atormentava sob aquele sol escaldante, Lázaro prosseguiu caminho decidido a alcançar os competidores que o precediam, tão à vontade se sentia, sem a mínima impressão de fadiga.

A mecânica, admirável de regularidade, do seu organismo, não acusava influência daquela hora e meia de corrida esforçada e a vontade indomita, a disciplina severa do atleta português, multiplicavam-lhe as possibilidades, no anseio de um triunfo.

Na herma da estrada, os marcos quilométricos indiciam-lhe que a distância se encurta, se aproxima o termo cobigado; Lázaro, naqueles últimos minutos da sua vida consiente, dispendendo perduliramente energias para honra e glória do nome português, eleva-se sublimemente ao nível do patriotismo heroico.

O calor abafa-o, latejam-lhe as fontes como tambores tocando a rebate; no olhar fulgem-lhe estrelinhas saltitantes, perturbam-lhe a marcha rápidas vertigens, passa-lhe pelo espírito uma angústia imensa, mas reage; não pode parar, ficar para ali inutilmente a ver seguir os outros, quantos êle distanciar na suaabalada de atleta valeroso. Que haviam de pensar os camaradas, os amigos distantes, aquele adorado povo lisboeta que fizera dêle o seu ídolo!

Cerra os dentes, sacode a cabeça num gesto desesperado de leão ferido, mas continúa sempre, disposto a gastar até ao último átomo de vontade.

O cérebro esquiva-se ao raciocínio, turva-se cada vez mais a luz do sol, baila a estrada fugindo à segurança do passo, cambaleia, estende as mãos num gesto de desespero e abate-se no caminho, imóvel, vencido, glorioso.

Os portugueses foram encontrar, no hospital, o seu infeliz companheiro inanimado; tivera de início fortes convulsões, depois caíra em coma.

Apesar de todos os esforços dos médicos não voltou a recuperar os sentidos.

A meia noite deram-lhe injeções de soro, mas a temperatura mantinha-se elevada, acima de 41.º e as esperanças de o salvar eram já nenhuma. Delirava, murmurando palavras incompreensíveis, agitando os braços como se continuasse correndo. Às seis e vinte minutos expirava, sereno, como o atleta que alcançara a meta, termo final de um longo e doloroso calvário.

A impressão causada pelo triste acontecimento foi profunda; o príncipe herdeiro da Suécia

e o barão de Coubertin vieram pessoalmente apresentar as suas condolências.

O funeral provisório foi uma eloqüente e majestosa manifestação de dor, ficando o corpo de Lázaro depositado numa igreja católica até ao momento da trasladação para Portugal, que só dois meses mais tarde pôde efectuar-se.

O Comité Olímpico Português convocara a uma reunião os clubs desportivos do País, a fim de organizar condignamente as exéquias de Lázaro.

Compareceram 44 delegados, representando a quasi totalidade das agremiações lisboetas, o Boavista, do Porto, o Leixões, o Club Mário Duarte, de Aveiro, o Cominbricense, o 1.º de Maio e o Gimnásio, da Figueira.

Resolveu-se organizar um cortejo fluvial, que comboiaria o fúnebre de bordo até ao Arsenal, onde a urna ficaria depositada para seguir depois até ao cemitério de Benfica, acompanhada pelas delegações e estandartes de todos os clubs.

O corpo de Lázaro entrou no Tejo na segunda-feira, 23 de Setembro, a bordo do «Vendysel», sendo transportado para terra num rebocador, rodeado pelas esquadilhas dos clubs náuticos, que arvoraram remos quando a urna foi tirada para o cais.

No dia seguinte, às dezesseis horas, era Lázaro conduzido à sua última morada, encorpando-se no funeral numerosas representações desportivas e grande massa de povo, aquele povo que o aplaudira nas suas inolvidáveis proezas e o chorava, agora, como um soldado caído no campo de batalha, o herói morto com os olhos fitos nas cores da Pátria distante.

Às vinte horas, já noite, o préstito chegou ao cemitério de Benfica; falaram, frente à urna que a bandeira nacional cobria, os srs. J. Pinheiro, representante do Lisboa Sporting Club, ao qual Lázaro pertencia; Fernando Correia, chefe da missão portuguesa em Estocolmo; e o dr. José Pontes, membro do Comité Olímpico.

A urna foi depois transportada a ombros pelos companheiros do campeão, Fernando Correia, António Pereira e Joaquim Vital, que Manuel Igreja e Pedro Del-Negro auxiliaram, até à jazida definitiva, onde ficou cercada de coroas e flores, à espera do esquecimento, que é sempre a paga dos homens.

Hoje, vinte anos volvidos, o que resta rememorando Lázaro à saúde dos desportistas portugueses? No umbral duma casa vulgar, numa rua íngreme, tortuosa e estreita, um painel descorado de azelejos policromos, representando um corredor em atitude de chegar nuns cem metros, ao lado dum marco indicando o quilómetro quarenta, ladeia uma placa onde se indica, sem mais referência, que aquela é a «Rua Francisco Lázaro».

O fatal incidente do corredor português impressionou profundamente a opinião pública na Suécia, e um jornal de Estocolmo, sabendo tratar-se

Num estrada portuguesa, longe da dos seus adversários Lázaro prossegue a busca da vitória

dum operário que vivia e sustentava os seus apenas com o produto do labor quotidiano lançou a ideia duma grande subscrição nacional em favor da família do desventurado rapaz.

O príncipe herdeiro transformou, porém, esta iniciativa, promovendo a organização dum festival no próprio Estádio Olímpico, para o qual conseguiu a participação dos mais célebres atletas dos Jogos, assim como dos concorrentes do hipismo.

No fim do programa desportivo queimaram-se peças de fôgo de artifício com as côres da bandeira portuguesa, enquadrando um grande L de fôgo.

A assistência elevou-se a 23.000 pessoas e a receita líquida atingiu 14.000 coróas.

À volta deste importância urdiram-se na própria Suécia tramas várias, que foram ao tempo muito comentadas na imprensa portuguesa e que se referiam à forma como o dinheiro devia seguir ao seu destino.

Tendo-se averiguado que Lázaro deixava apenas uma filha de tenra idade, ficou a verba que lhe era destinada em depósito num banco sueco, tendo-lhe sido entregue por intermédio da legação deste país em Lisboa quando atingiu a maioridade, há pouco mais de três anos.

O infortunado corredor pedestre envergara em Portugal durante quasi toda a sua vida desportiva a camisola vermelha do glorioso Sport Lisboa e Benfica, embora tivesse iniciado sob outras côres a sua carreira de campeão.

Especializado em provas de fundo, correu quatro vezes a Maratona e quatro vezes venceu, conseguindo tempos confrontáveis com os melhores da época, em todo o mundo.

Em 3 de Maio de 1908, disputou a prova pelo Velo-Club, no percurso de 24 quilómetros que vai de Cascais ao Dáfundo, por Alcabedêche e pela Parede. Alinhavam doze concorrentes, dos quais saiu vencedor em 1 h. 39 m.

No ano seguinte não se inscreveu, reaparecendo em 1910, na primeira Maratona nacional com a distância clássica de 42.800, alcançando o primeiro lugar em 2 h. 57 m. 35 s.

Em 1911 e 1912 prosseguiu a sua carreira invencível, obtendo mais duas vitórias em 3 h. 9 m. 53 s., com vinte e um minutos de avanço

sobre o segundo, e 2 h. 52 m. 8 s. que é o seu tempo «récord» e corresponde a uma média horária de 14.918 quilómetros.

Recordemos que Dorando, o italiano que na Olimpiada de Londres cortou primeiro a meta, surpreendeu o mundo com as suas 2 h. 54 m. 46 s., e o sul-africano Mac Arthur, vencedor em Estocolmo, tardou 2 h. 36 m. 52. s. a percorrer apenas 40.200 metros (média de 14.376 km.).

É preciso notar ainda, a favor do nosso compatriota, que as estradas dos arredores de Lisboa onde sempre correu, eram ao tempo de péssimo piso, cheias de curvas e de perfíl acidentado.

Lázaro venceu ainda muitas outras provas de somenos importância, de entre as quais destacaremos o primeiro «cross-country» organizado em 7 de Maio de 1911 pela Liga Sportiva de Trabalhos Atléticoes e que reuniu quarenta e oito corredores, número que até aos nossos dias poucas vezes foi excedido em provas oficiais. Em 1912, antes de abalar para a Suécia, onde iria deixar a vida, o desditoso campeão, oferecendo a sua preparação especial fêz no campo do Sporting, hoje designado por Lumiar A e pertença do Grupo Desportivo «Os Treze», uma tentativa para estabelecimento do «récord» da meia-hora, percorrendo 8.166 metros durante os trinta minutos.

A prova foi muito prejudicada pelo vento mas, a compensar, utilizou um serviço de treinadores, sendo Matias de Carvalho e João Aguiar os escolhidos para auxiliar Lázaro. Segundo dizem os jornais da época o serviço não satisfêz, protegendo mal o corredor e não o conduzindo com a necessária regularidade.

A estima pública por Lázaro era tão grande, que à tentativa assistiram mais de mil pessoas, multidão que o atletismo nunca até essa data conseguira reunir.

Este «récord», de escasso valor internacional, durou no entanto deztoito anos, sendo melhorado em 1929 pelo sportingista António de Almeida, para 8.839 metros.

Fica traçada nestas páginas, em comentários simples, a vida e a tragédia desportiva dum dos mais brilhantes campeões do desporto lusitano, também um daqueles sobre os quais desceu mais espesso o esquecimento, testemunho vulgar da ingratitude dos homens.

Salazar Carreira.



Festas de caridade

Chá «Mah-Jong»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Adelina Santos, D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Reatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Rita de Sover Pereira, D. Sofia de Vasconcelos Abreu e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, realizou-se no vasto «hall» do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, um chá «Mah-Jong» de caridade, cujo produto se destinava à Assistência dos Pobres de Santos-o-Velho.

Num dos intervalos do chá fez-se uma rifa de um artístico chapéu «boina de veludo», oferta da Casa Mimoso, que saiu no número 66, à sr.^a D. Lívia Street de Braamcamp.

Na assistência notavam-se as senhoras:

Princesa de Broglie (D. Helena), Marquesa da Praia e Monforte, condessa de Castro, condessa de Murça, condessa de Carnide, condessa de Castro Marim, viscondessa de Atouguia, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Lívia Street de Arriaga e Cunha de Braamcamp, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Octávia Guedes Cau da Costa, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Maria Izabel d'Orey Correia de Sampaio, D. Adelina Santos, D. Júlia Camacho Santos, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Laura Reis Ferreira, D. Oerita Abdarrahim Abecassia, D. Clara Abdarrahim Buzaglo, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Matilde Matoso dos Santos e filha, D. Carlota de Araújo Serpa, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Emília Alves Arrobas, D. Maria José Brazão, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Alice Sousa e Melo, D. Rita de Sommer Pereira, D. Pilar Velasco de Oliveira e filhas, D. Stela Belmarco da Costa Santos, D. Maria José Brazão de Sommer, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Octávia Stropm Martins Pereira, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Natalia Cohen Zaguri Contreiras, D. Lia Flora de Menezes Moreira, D. Orovilda Zagury Cases, D. Carlota Ressano Garcia Anahory, D. Maria Carlota de Araújo Serpa Madeira, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Emília Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Maria Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Ester Buzaglo e Mazer, D. Carmen Ramada Curto, D. Maria Baltazar Balsemão, etc.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

Recepções

A sr.^a D. Maria Luísa Meireles Posser de Andrade e o sr. João Posser de Andrade, ofereceram no salão de mesa do Aviz Hotel, o nosso hotel de luxo, um «Eggs and Bacon», que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, que foi abrilhantado pela exímia orquestra «jazz-band» privativa do hotel, sob a direcção do distinto violinista Almeida Cruz, tendo-se dançado até de madrugada.

Na assistência viam-se:

Marquês e marquesa de Val de Sevilha, marquês e marquesa de Tancos, conde e condessa da Povoa, conde e condessa de Moser, conde e condessa de Castro, conde de Haro, D. Carolina Corrêa de Sá Pais do Amaral, D. José Serrano, Bartolomeu José Perestrelo de Vasconcelos e D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, Ricardo Espírito Santo Silva e D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, Gabriel Bianchi e D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, José de Castro Pereira e D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco) e D. Eugénia de Avilez Soares Cardoso, D. Izabel Maria de Melo Breyner Ulrich, D. Maria Luíza Salema, D. Maria Tereza Burnay de Verda (Mairos), D. Maria Carolina Gomes Palma, D. Henrique Burnay de Verda (Mairos), Frederico Perestrelo de Vasconcelos, Salvador Corrêa de Sá (Asseca), Jimmy Pizano e Manuel Gomes Palma.

Casamentos

Na paroquial e histórica igreja de Santa Maria e São Miguel, em Sintra, realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Fernanda Fontes Dourado Moreira da Cruz, gentil filha da sr.^a D. Maria da Natividade Fontes Dourado Moreira da Cruz e do sr. Fernando Moreira

VIDA ELEGANTE

da Cruz, com o sr. Mário Ferreira, filho da sr.^a D. Aida Alda de Moura Ferreira e do sr. Ernesto Ferreira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o primo da noiva, reverendo José Marques da Silva, que veio expressamente do Pôrto para êsse fim, e que após a missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Durante a cerimónia um grupo de senhoras «Filhas de Maria» cantou no côro, com acompanhamento a órgão, vários trechos de música sacra.

Terminado o acto religioso, foi servido no salão do rez-do-chão da elegante vivenda dos pais da noiva, à Estefânia, um finíssimo lanche da pastelaria «Áurea», tendo à entrada dos noivos, um sétimínio executado a marcha nupcial de Mendelsohn, e seguindo-se um variado programa de concerto. Os noivos seguiram de automóvel para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Em um dos salões do primeiro andar, estavam expostas as artísticas e valiosas prendas que lhes foram oferecidas.

Na assistência notavam as senhoras:

D. Maria José Roma Machado Cardoso Salgado, D. Maria Candida Pereira da Cruz, D. Aida Alda de Moura Ferreira, D. Deolinda Frias da Fonseca, D. Silvína Augusta da Costa Quinta, D. Ana Luíza de Sampaio Castelo Branco, D. Andrea Augusta da Silva Figueiredo Marques de Sousa, D. Laura Llach Rocha dos Santos, D. Ester Morris Elias, D. Helena Lopes Coelho Pereira Pinto, D. Anadã Assunção Santos Lopes, D. Deolinda Preciosa das Dores Pereira Rego, D. Gracinda Santos Gomes Pereira, D. Gizelda Josefina Franchini Dourado, D. Mariana Augusta Curado Teixeira Brandão, D. Amélia Bastos Moreira da Cruz, D. Emília Ivens Ferraz Cardoso Salgado, D. Maria Helena Hermann Pereira de Sousa, D. Margarida Hermann Mayer de Carvalho, D. Mariana Lopes Cardoso Fiadeiro, D. Berta Capucho Costa, D. Maria do Carmo Roma Machado Cardoso Salgado, D. Maria Helena Figueiredo Marques de Sousa, D. Nercida Ferreira, D. Ana da Assunção Santos Lopes, D. Esmerencina da Silva Figueiredo, D. Alice Candida Pereira da Cruz, D. Leonilde da Silva Figueiredo, D. Maria Tereza de Sampaio Castelo Branco, D. Maria José de Assunção Santos Lopes, D. Maria Antonia Sampaio de Castelo Branco, D. Rosa Nunes Correia, D. Maria Luíza Sampaio de Castelo Branco, D. Maria Helena Andrade Pereira de Sousa, D. Emília Torrado, D. Maria Emília Nogueira, D. Maria Izabel Santos Gomes Pereira, D. Helena da Gloria Fontes Dourado, D. Maria Tereza Santos Gomes Pereira, D. Maria Helena Dourado Teixeira Brandão e D. Maria Carlota de Sommer Pereira Cardoso Salgado, as meninas Ermelinda Augusta Dourado Gomes, Maria de Lourdes Bastos Cruz e Maria Tereza Dourado Gomes.

E os srs:

Ernesto Ferreira, António Maria Pinto Cardoso Salgado, Abel Pereira da Fonseca, Marcelino Nunes Correia, António Nunes Quinta, Vasco de Sampaio Castelo Branco, António Marques de Sousa Júnior, João Rocha dos Santos, Vasco Rosa Ribeiro, Francisco Manuel dos Santos, Reverendo José Marques da Silva, Morris Elias, Guilherme Pereira Pinto, Abel Baptista Lopes, João Frias da Fonseca, Alvaro de Oliveira Rego, João Gomes Pereira, Boaventura Antonio Fontes Dourado, António da Silva Ferreira, Raul Augusto de Oliveira Gomes, António Teixeira Brandão, José Moreira da Cruz, Alberto Carlos Andrade Pereira de Sousa, Manuel Nunes Correia, Marcelino Nunes Correia Júnior, Humberto Mayer de Carvalho, dr. João Lopes Cardoso, dr. Amândio da Silva Fiadeiro, Francisco Carlos de Roma Machado Cardoso Salgado, dr. António da Costa Quinta, José Manuel de Roma Machado Cardoso Salgado, Manuel Llach Rocha dos Santos, Henrique de Roma Machado Cardoso Salgado, Alvaro de Moura, Caetano Sanguinetti Beirão da Veiga, João de Roma Machado Cardoso Salgado, Manuel Maria Ramos, José Cunha, João Marques, Manuel Gonçalves, Eduardo Alberto Costa Junior, Antonio do Nascimento, Antonio de Roma Machado Cardoso Salgado, João Llach Rocha dos Santos e Carlos de Vasconcelos e Sá.

A sr.^a D. Maria da Natividade Fontes Dourado Moreira da Cruz e o sr. Fernando Moreira da Cruz, tiveram ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter, proporcionando aos seus convidados, uns belos momentos de inefável prazer espiritual.

— Com grande brilhantismo realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Catarina Murteira de Matos Fernandes, interessante filha da sr.^a D. Izilda de Sousa Murteira de Melo Fernandes e do sr. Miguel Joaquim de Matos Fernandes, com o distinto médico da armada segundo te-

nente sr. dr. Rui Terenas Latino, filho da sr.^a D. Maria Estrêla Terenas Latino e do coronel de cavalaria comandante do Regimento de Lanceiros 2 sr. Manuel da Costa Latino, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência viam-se as sr.^{as}:

D. Maria de Matos Fernandes Franco de Sousa, marquesa do Funchal, D. Catarina de Sousa Melo Murteira, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Inácia Fernandes Homem e filhas, D. Matilde Quintalilha Pinto e filha, D. Adelaide de Melo, D. Maria Estrela Terenas Latino e filha, D. Maria Adelaide de Noronha de Castelo Branco, D. Beatriz Baptista, D. Maria José Fernandes, D. Adelaide Pereira Castelo Branco, D. Maria Rita de Sousa Carvalho (Ervideira), D. Sofia Buzaglo Paiva Raposo, D. Maria Emília Perestrelo, etc.

E os srs:

Leovegildo Queimado Franco de Sousa, marquês do Funchal, coronel Manuel da Costa Latino, dr. Gabriel Pinto, Tomaz de Paiva Raposo, Adriano Murteira, engenheiro Raimundo de Quintalilha Pinto, dr. Carlos de Roma Machado de Paiva Raposo, engenheiro João Manuel Terenas Latino, dr. Praça Cunha, Joaquim Santos Correia, Alberto Fernandes Moreno, Afonso da Costa Marques, Manuel Antonio da Costa, etc.

Os donos da casa e suas filhas, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos pela forma como foram recebidos.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria da Soledade Bebiano Correia de Carvalho, gentil filha da sr.^a D. América Bebiano de Carvalho e do sr. Manuel Correia de Carvalho, já falecidos, com o distinto engenheiro sr. Horácio de Sá Viana Rebêlo, filho da sr.^a D. Maria da Conceição de Sá Viana Rebêlo e do sr. Domingos Augusto Rebêlo.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Judite da Soledade Bebiano Correia do Amaral Coimbra e D. Maria da Conceição Barahona Couceiro e padrinhos os srs. José Correia de Carvalho e o capitão-tenente Jaime Henrique de Sá Viana Couceiro.

A cerimónia religiosa, foi celebrada pelo reverendo Monsenhor Pereira dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminado o acto foi servida na elegante residência da cunhada da noiva sr.^a D. Sílvia Correia, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos para o Funchal, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paroquial de Bemfica, realizou-se o casamento da sr.^a D. Leonor Maria Pascoal, interessante filha da sr.^a D. Maria Joana Pascoal e do sr. João da Silva Pascoal, com o sr. Abel da Silva Pascoal, filho da sr.^a D. Ana Rodrigues Maurícia Pascoal e do sr. António da Silva Pascoal.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Zaida Augusta da Silva Prôa e D. Maria Amélia Gaspar Teixeira, e de padrinhos os srs. João Nunes Prôa e José Basílio Pereira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, na Amadora, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos depois para a Figueira da Foz, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Lídia Gonçalves Silva, gentil filha da sr.^a D. Amélia Gonçalves da Silva e do sr. Joaquim Gonçalves da Silva, já falecido, com o sr. João Neto da Costa Nery, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Neto Nery, já falecida e do sr. Manuel da Costa Nery.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Angela David Fernandes da Silva, tia da noiva e D. Maria Helena Neto da Costa Nery, irmã do noivo e padrinhos o tio da noiva sr. José Rodrigues da Silva e o pai do noivo.

A cerimónia foi celebrada pelo reverendo prior da freguesia que no fim da missa fez uma comovente alocação.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residência dos tios e padrinhos da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari». Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.

CINEMA

Os actores e as artes plásticas



Jean Hersholt pintando uma paisagem



Gary Cooper apondo a sua assinatura num quadro

As artes plásticas estão intimamente ligadas ao cinema, a que prestam uma imprescindível colaboração. Mesmo sem falar da cenografia, que é em muitos filmes um factor de importância capital, verifica-se que existe uma estreita associação entre as imagens animadas e o desenho publicitário, para cujo desenvolvimento a indústria cinematográfica contribuiu de modo apreciável.

Não são, porém, essas relações que de momento nos interessam, mas sim as que muitos actores célebres cultivam nos momentos de ócio, que são raros, segundo dizem, na vida trepidante de Hollywood.

Douglas Fairbanks Júnior é um desses artistas que com frequência trocam os «batons» da caracterização pelos pincéis de aquarelista ou pelo lápis de ilustrador. É dotado de faculdades apreciáveis, manifestadas em muitos trabalhos que são preciosamente conservados nas residências dos seus camaradas de trabalho. Tem colaborado em jornais e revistas. Há tempo publicou no semanário parisiense de cinema «Pour Vous, uma série de artigos que ele próprio ilustrou com belas caricaturas de alguns artistas célebres.

Jean Hersholt tem, a par do seu talento de comediante, uma fina sensibilidade plástica. Consagra muitas horas de repouso à pintura. É um paisagista exímio e a sua galeria particular, onde só raros amigos têm acesso, está recheada de trabalhos seus, alguns dos quais são considerados notáveis.

Gary Cooper, a despeito do seu aspecto rude, tem também um subtil sentido da forma. Antes de se dedicar ao cinema foi desenhador de publicidade. Depois disso não perdeu completamente o gosto por essa modalidade artística. Sempre que os seus labores do estúdio lho consentem, lança mão dos lápis e dos pincéis. Pinta sobretudo capas de revistas que envia depois às empresas editoras para publicação.

Mas nesta categoria o primeiro lugar cabe, sem dúvida a John Barrymore, artista de muito merecimento que já efectuou com lisonjeiro resultado diversas exposições de trabalhos seus em Nova York.

John Barrymore, apesar de pertenc-

Jean Parker no momento de terminar um dos seus desenhos



cer a uma família de actores, nunca se lembrara de dedicar-se ao cinema ou ao teatro. Exerceu diversas profissões e como revelara grandes aptidões para o desenho fez alguns estudos e empregou-se como ilustrador numa importante revista norte-americana.

Desempenhava esse cargo há já algum tempo quando sucedeu darem-lhe para ilustrar um conto confuso, dum jovem escritor modernista. John Barrymore não sabia como sair da dificuldade, porque não compreendendo a intenção do autor, não sabia por que modo havia de ilustrar o conto.

Nesta indecisão, lançou mão dum recurso extremo. Desenhou uma série de traços ininteligíveis e escreveu-lhe por baixo esta legenda: «O desenho acima sintetisa claramente as explicações juntas». Claro está que o gracejo lhe saiu um pouco caro. Nesse mesmo dia o chefe de redacção chamou-o e comunicou-lhe que estava despedido. E, à guisa de remoque, acrescentou:

— Se o senhor tem tanto jeito para farçadas porque não vai para o teatro?

Estas palavras fizeram luz no espírito do jovem artista. Porque não havia de ir para o teatro? Seu pai fôra um actor notável, seu irmão Lionel era já muito apreciado. Estava decidido. Iria para o teatro.

Um desenho de *blague* foi deste modo a origem da carreira dum dos mais brilhantes actores do cinema. E talvez por isso mesmo, John Barrymore conservou sempre uma viva simpatia pelo desenho e pela pintura a que dedica uma parte considerável dos seus ócios. De

tempos a tempos reúne alguns dos seus esboços e quadros e expõe-os num salão de Broadway onde a primeira sociedade norte-americana vai admirá-los. E nunca deixa de ouvir lisonjeiras referências da crítica.

Pola Negri acaba de adquirir a casa onde Rodolfo Valentino residiu, perto de Hollywood, e que era conhecida pelo nome de «Ninho de falcão».

Como se sabe, Pola Negri esteve para casar com o saudoso actor. Explicando as razões que a levaram a fazer esta compra, a famosa actriz disse a um jornalista:

— Tínhamos resolvido ir viver para essa casa depois do nosso casamento. Deste modo, realizo agora parte do meu sonho.

E enxugando uma lágrima que não nos repugna crêr sincera:

— A memória de Valentino será para mim sempre sagrada.

Resta dizer que depois da morte do actor, a elegante vivenda foi sempre considerada pelos habitantes do local com certo pavor supersticioso. Falava-se em aparições e, no dizer de alguns, os mais horríveis percalços esperavam quem por ali se aventurava. Mais tarde veio a saber-se que tudo isso não passava de artimanhas dum guarda da propriedade que afastava desse modo os possíveis compradores na mira de conservar um lugar que lhe garantia alguns proventos com pouco trabalho.

Os actores de cinema vangloriam-se muitas vezes das ilustres ascendências. Elissa Landi, por exemplo, pretende ser neta do imperador Francisco José. E Jean Harlow, a fazer fé pelos seus biógrafos, descende em linha directa de Edgar Poë.

Jackie Coogan vai retomar a sua actividade no cinema interpretando um grande filme de «cow-boys» intitulado «A lei do Oeste». O principal papel caberá a Randolph Scott.

Jeanette Mac Donald e Friedrich March preparam-se para interpretar uma comédia musical baseada na vida do grande compositor vienense Johann Strauss.



as histórias que ouvira sem querer, se referiam a essas duas crianças que, a-pesar de fazerem um certo barulho procurando exhibir-se, e de estarem bastante pintadas, a sua pouca idade dava um ar de inocência. Era possível que aquelas meninas fossem o que esses rapazes diziam e era possível que existisse uma mãe que abandonasse à sua inexperiência duas crianças que talvez nem compreendam bem o alcance do seu procedimento? Parece que assim é. A verdade é que as mães portuguesas estão adoptando para suas filhas a vida e a liberdade inglesas sem se lembrar, talvez que o clima é outro e os rapazes não têm lido a educação inglesa. No Casino do Estoril na "matinée", os pares de dança, são tantos, que não se pode dançar, abraçados passeiam numa compressão de sardinhas em lata. As mãis cá fora conversam e nem se lembram que

têm na sala, meninas quasi crianças, sem a compreensão dos seus deveres, sem a educação moral porque ainda não têm idade de ter,

UMA destas lindas tardes de outono, tardes da época mais bela do ano, no nosso país, de tão doce clima, que se pode dizer, que o verão se prolonga até Novembro, estava eu sentada numa das mesas do Tamariz a tomar chá, contemplando a maravilhosa vista da baía, que a meus olhos se desenrolava como uma miragem de sonho. O mar azul desse vivo colorido, que só nos mares meridionais se vê, os castelos, vilas e jardins até ao mar. A praia cheia de animação. Ouvia-se falar todas as linguas dando ao tindo local um aspecto de cosmopolitismo. No ar espalhava-se um ambiente de bem estar, de paz, de suavidade, que me faziam encarar a vida debaixo dos seus melhores aspectos. Via a vida rósea, parecia-me que a humanidade era lóda cheia de bondade e sentia invadir-me um absoluto bem estar. Da mesa ao lado levantaram-se dois estrangeiros. uma rapariga alta, loira, de pele bronzeada como um pele vermelha, um homem forte, saudável e robusto. Numa harmonia completa afastaram-se andando com o mesmo passo compassado, igual, que denota um entendimento absoluto de dois entes, unidos na vida. A mesa foi tomada de assalto por dois rapazes muito novos a que não prestei a mais pequena atenção. Falsavam alto como em geral se fala em Portugal. Não pude deixar de ouvir a sua conversa e um mal estar começou a invadir-me.

Mas de quem falavam estes rapazes? Certamente de criaturas banidas da sociedade, de mulheres que nem esse nome merecem. Contavam coisas um ao outro. Ambos muito novos não tinham esse aspecto de homens habituados a convívências degradantes. De repente compreendi, com pasmo e angústia. Falavam das meninas da sua idade, de raparigas da sociedade e devo dizer-lhes, minhas senhoras, que a-pesar de novos, de inexperientes da vida, esses rapazes atribuíam às mãis, a culpa do procedimento das filhas, e, muito justamente. A respeito de duas meninas que seguindo os seus olhares vi serem quasi duas crianças, ouvi-os dizer: "A mãe não é séria porque se o fosse não as deixava proceder assim e vigiava-as."

Senti apertar-se-me o coração ao pensar que



PÁGINAS FEMININAS

entregues a rapazes, dos quais ignoram a educação, a moral e os costumes.

É ao recordar isto eu sentia quanto era justa a observação desses rapazes quando atribuíam a culpa às mãis justificando com o exemplo duma outra menina, de quem diziam "Não há um rapaz que se atreva a apertá-la quando dança, mas também que educação tem tido, a mãe é uma senhora seriíssima, que vive para os seus filhos e que sem se tornar ridícula, vigia e acompanha a filha". Confesso-lhes que tive pena que todas as mãis que têm filhas entre os quinze e os vinte e cinco anos, não tivessem ouvido a conversa destes dois rapazes, que era a condenação absoluta do desleixo e do comodismo das mãis modernas, que sob o pretexto de que as filhas são ainda crianças as não dirigem e as não preparam para a vida, dando azo a que elas possam proceder tão inconvenientemente. E na tarde que morria serenamente, ao esconder-se o sol, num arripio de frio no mar, eu senti invadir-me a tristeza, ao ouvir uma gargalhada mais alta dessas pobres raparigas, tão duramente julgadas pelos rapazes e que bem dirigidas poderiam ser encantadoras.

Maria de Eça.

A Moda

Já lançada a Moda de outono, que dos países frios de onde nos veio traz já um sabor a inverno, nada de muito novo há a dizer sobre ela. O que será a Moda de Inverno? O que se apeará desta Moda transitória de meia estação? Só mais tarde se poderá ver. Damos hoje vários modelos de outono. Duma grande elegância esta «toilette» em veludo preto, com o casaco em pano veludo branco guarnecido a raposa «argenteé». O chapéu de aba larga em veludo e «panne», guarnecida com um lindo «paradis», emoldura um lindo perfil e uma linda cabeça de caracóis duma encantadora «platine blonde». Para a noite estão-se usando muito os vestidos em «taffetas» e tule, com guarnições em «taffetas» formando flores e grinaldas. É dum gosto finíssimo este género de «toilettes», que favorece todas as senhoras. Como vestidos de rua temos dois lindos modelos, um vestido de saia e casaco em fazenda grossa e esponjosa com gola e frente de lontra castanho dourado. Chapelinho em feltro da mesma cor. Vestido em pano «gris perle», guarnecido com gola em astrakan preto fechando com laço em «glacé» preto, mangas guarnecidas a astrakan, luvas em pelica preta, chapéu em veludo preto guarnecido com uma bela «cruze». Estão também muito em moda as golas em «breitschwanz» sobre os casacos em pano. Mas estas golas são muito diferentes do que até agora se usava e têm mais o aspecto dumas pequenas capas ou cabeções com gola. Há actualmente uma grande variedade para a escolha do vestuário e uma senhora que saiba escolher o que lhe fica bem, tem muito por onde espalhar a sua fantasia com a certeza de estar dentro das ordens da Moda.

Higiene e beleza

PARA ter umas lindas mãos, bem tratadas, não é necessário excessivos cuidados nem ter «manicure» todos os dias. As mãos devem lavar-se de preferência em água tépida, para não terem cióiro e, de vez em quando, untá-las com

creme de amêndoas, que as torna brancas e macias. À noite devem untar-se com um bom creme. As unhas não se devem cortar mas sim limar. Põem-se de molho em água, com pingos de sumo de limão. Em seguida limam-se na forma que se lhes deseje dar. Depois põe-se-lhes vaselina e com o instrumento próprio afastam-se as peles, que nunca se devem cortar. Em seguida deita-se no «polissoir» uns pós de dar brilho que sejam bons. Quando as unhas já estão brilhantes, mas um pouco ásperas do pó, põe-se uma pomada de dar brilho que se puxa com a palma da mão. As unhas ficam assim muito brilhantes e naturais. O verniz estraga bastante as unhas. É esse verniz vermelho, que dá às unhas o aspecto de ensangüentadas, é dum detestável gosto e só é para admirar que haja senhoras que o usem e que achem as suas mãos belas, quando assim tratadas.

Receitas de cosinha

Bacalhau à parisiense: Para 5 pessoas é necessário: 400 gramas de batatas, 1 quiló de bacalhau, 1 decilitro de azeite fino, 1 cebola grande. A parte branca dum alho verde, 1 ramo de salsa, de tomilho, louro e funcho, 2 dentes de alho, 2 colheres, das de sopa, de polpa de tomates, 1 grama de pimenta moída, 1 colher, das de sobremesa, de açafrão, 1 colher de salsa picada. Toma-se o bacalhau demoldado, tiram-se as peles e as espinhas e divide-se em lascas não muito espessas. Numa caçarola deita-se o decilitro de azeite, a parte branca do alho verde e a cebola, muito picados, e o ramo de ervas. Quando a cebola começa a córar um pouco, juntam-se os dentes de alho esmagados, as colheres de sopa de tomate, ou uma de calda concentrada, a pimenta moída e a colher de açafrão. Deixa-se ferver durante cinco minutos e juntam-se três decilitros de água a ferver. Em recomendo a ferver juntam-se 400 gramas de batatas cortadas às rodas de um centímetro de espessura, tapa-se a caçarola deixando ferver durante vinte minutos, destapa-se a caçarola, juntam-se os bocados de bacalhau, cosendo por mais dez minutos com a tampa posta. Serve-se tirando o ramo de ervas e deitando por cima uma colher das de sopa de salsa picada. Não se deita sal porque o bacalhau tem o suficiente, mas as pessoas que gostem, podem adicionar-lhe uma pitada de sal.

De Mulher para Mulher

Rosie: A música é um estudo muito difícil e que muito se tem banalizado. Só no caso de ter um verdadeiro talento musical é que se deve dedicar a essa arte tão bela, quando é bem interpretada, como maçoadora para quem ouve tocar mal.

Gaby: Todas as raparigas gostam de dançar, e acho muito natural que sua irmã aprecie essa distracção. Não compreendo porque se irrita que ela o faça. A não ser que tenha uma maneira de dançar incorrecta, o que, infelizmente, agora se vê bastante, e nesse caso, aconselhe-a. Se não se emendar diga a sua mãe para que intervenha. As violetas são sempre lindas.

Maria dos Anjos: Tudo depende da maneira de fazer as coisas. Uma rapariga muito nova excessivamente pintada, é muito ridículo, mas usar

um pouco de «rouge» nas faces, pó de arroz e um ligeiríssimo retoque de «blaton» nos lábios, está hoje absolutamente accito e não fica mal a nenhuma menina faz-tó. O que é necessário é não exagerar.

Joaquina: Vá a um médico; isso é um estado doentio de nervos. A paciência é melhor remédio para todos os males desta vida. É muito difícil tê-la, mas uns nervos mal equilibrados aumentam todas as contrariedades. E nós, as mulheres, temos tanta tendência para os ter irritados. Trate-se e verá como passa a ver tudo cor de rosa.

Um duque de romance

Quem visita a famosa Abadia de Westminster, é conduzido pelo cicerone à capela de Henrique VII, onde debaixo dum faustoso monumento, repousa há três séculos o duque de Buckingham. O epitáfio foi composto pela inconsólvel duqueza, que exalta as qualidades do esposo infiel e adorado, a graça, a bondade,



a generosidade incomparável. Pia homenagem do amor ao inhábil ministro, tão sedutor, de quem Richelieu dizia, que lhe bastava apresentar-se para vencer. Ligeiro, faustoso, galante, filho predileto da fortuna, a sua vida foi muitas vezes motivo de escândalo.

Chegou a arriscar e comprometer Henriqueta de França, irmã de Luís XIII, que foi depois rainha de Inglaterra com uma inconsciência que nunca o abandonou e da qual foi vítima. Durante o cerco de La Rochelle o duque vivia em Portsmouth. No dia 2 de Setembro chegou ali John Felton, duma antiga família de Suffolk. Tenente, tinha conhecido a miséria e as desilusões da

guerra. O seu capitão tinha morrido e ele pediu ao duque de Buckingham para o substituir. Este deu o lugar a um jovem da Côte.

Além disso recusou-lhe um modesto atizado de oito libras. O desgraçado tenente arrastava o seu ócio e a sua miséria pelas ruas de Londres. Partiu para Portsmouth e mal aconselhado pela miséria, foi a High Street onde se alojava o tesoureiro da Armada e onde se tinham hospedado os duques de Buckingham. Quando o duque apareceu na sala seguido da sua Côte e se voltava para falar com um coronel, o tenente Felton tirou da algibeira uma faca e saltando por cima do coronel entrou a lâmina até ao cabo no peito do Duque. «O celerado caiu morto!» gritou o Duque deu alguns passos e matou morto. Os assistentes pensavam que o assassino era um francês, mas Felton avançou com a espada na mão a cabeça descoberta e exclamou «Fui eu, Felton». Eis-me. Aos gritos que irromperam na sala, apareceu afluídissima a duquesa, que vendo o corpo de seu marido inundado de sangue deitou num pranto convulsivo. Carlos I, rei de Inglaterra ao saber a notícia chorou, Felton foi enforcado e La Rochelle foi tomada.

Buckingham foi um dos homens mais amados pelas mulheres, que tem existido.

Pensamentos

A juventude gaba-se de tudo conseguir. A velhice é implacável.

Nossa condição-nunca nos agrada, a peor é sempre a presente.

Tódos tornam em realidades os seus próprios sonhos. O homem é de gelo para as verdades e de fogo para as mentiras.

O bem é bem só enquanto se pôde desfazer, não sendo assim, é um mal.

O trabalho de o adquirir, o cuidado de o conservar, tiram todo o valor ao oiro, que nos parece tão necessário.

Quantos não são pobres dum dia para o outro por terem querido ser ricos de mais.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno) do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

APURAMENTOS

N.º 12

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

FRANGERQUE

N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

LÉRIAS

N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

Jobema (...), n.º 13

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Frá-Diávolo, Cantente C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso.

QUADRO DE MÉRITO

Deniz Lima (T. E.), 24 — Sonhador, 23 — Ti-Beado, 23. — Lisbon Syl, 20

OUTROS DECIFRADORES

Aldeão, 14

DECIFRAÇÕES

1 — Bote-telha botelha. 2 — Arca-cano-arcano. 3 — Mata-tacão-matacão. 4 — Brejoso. 5 — Sobrenomear. 6 — Reiuña. 7 — Malsão. 8 — Ledor. 9 — Transoar. 10 — Sonalha-sólha. 11 — Fustete-fuste. 12 — Escutar-estar. 13 — Perdida-perda. 14 — Alosna-aná. 15 — Peseta-peta. 16 — Atarda-Ada. 17 — Conquista-conta. 18 — Alberto-alto. 19 — Rodilha-rólha. 20 — Rica, pica, roca, riba, rico. 21 — Compassivo. 22 — Vergonhosa. 23 — Mela-o-ão. 24 — Roman. 25 — Homem grande, bêsta de pau.

MEFISTOFÉLICAS

1) *Canta alegre, descuidada,*
A «mulher» a quem adoro!

Da sua leda toada

O meu pranto é triste côro! (2-2) — 3

V. S. Pôrto — Bié

Efonsa

2) *Se procuro o risco não é por bravata,*
mas sim por necessidade. (2-2) — 3.

Lisboa

Fernambelo (T. E.).

3) *Tenho uma antipatia especial aos pastores*
de gado e aos adelos. (2-2) — 3.

Lisboa

Xicantunes (T. M.)

NOVÍSSIMAS

4) *Por causa dum toirão há às vezes intensa*
barafunda. 2-2.

Lisboa

Bad — Ahmed (T. M.)

5) *Era um vestido de mangas largas que levava*
o mariola. 2-1.

Lisboa

Fernambelo (T. M.)

(Ao segaz «Africanista»)

6) *Se tornas a fazer batota com o az de paus*
não te escapas de levar uma bengalada. 2-2.

Lisboa

Ferjebatos (T. E. L.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 21

7) *Insisto porque sou «um» indivíduo teimoso.* 3-1.

Lisboa

Hary (T. M.)

8) *Esta espécie de ameixa é grande, muitíssimo grande.* 1-2.

Lisboa

Leirbag (T. M.)

(Ao amigo Silva Lima)

9) *Com a actual falta de trabalho ficou reduzido a zero muito sonho doirado!* 2-1.

Pôrto Amélia

Magala (T. E.)

10) *Causa mágoa «mulher» arrependida.* 2-2.

Lisboa

Miriam (T. M.)

11) *Pondera... e depois cede-lhe a mão.* 2-1.

Lisboa

V. Lílás (T. M.)

SINCOPADAS

12) *O cobrelo foi apanhado por meio de laço.* 3-2.

Lisboa

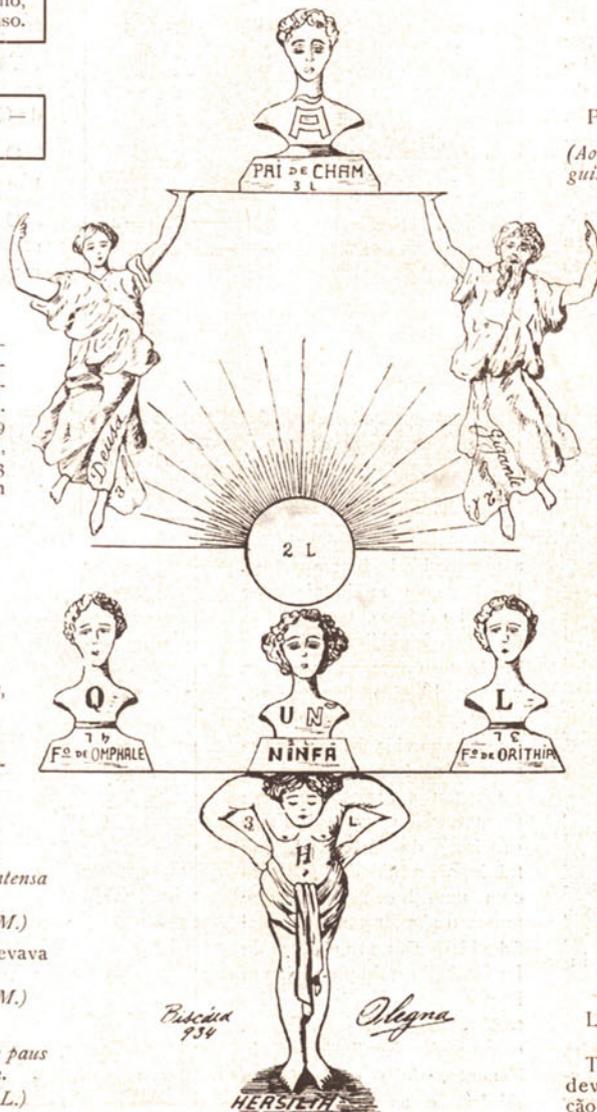
Africanista (T. E. L.)

13) *O Sr. «Calado» anda sempre macambúzio.* 3-2.

Lisboa

Ferjebatos (T. E. L.)

22) ENIGMA FIGURADO



(Ao confrade «Nélito»)

14) *Ilusão horrível!* 3-2.

Lisboa Lérias (T. E. — S. C. L.)

(Ao confrade «Zé Nabão»)

15) *Dum bonifrate se liure!* 3-2.

Lisboa Miq-ita (T. M.)

16) *O rei castiga com um cacete.* 3-2.

Lisboa Raeso.

17) *A criada conversa e a patroa tra-balha...* 3-2.

Lisboa Tino de Óbidos (T. E. L.).

(Ao magno Detective Amador)

18) *O duelo predestina a morte a um dos rivais.* 3-2.

Vidalegre (S. C. L.).

METAGRAMA

19) *Minha «mulher» anda aborrecida, por não ver acabada a gravata que em «sinais» de regozijo lhe mandei fazer para comemorar o facto de ter terminado a guerra.* (5-6).

Santarém

Mister Anão.

EM VERSO

(Ao amigo Nito)

20) *Santa Rita, um refilão,*
por qualquer coisa se excita.
Eis como ele arranjou fita
num desafio em Olhão:

Em linha os grupos estão,
mas quando o juiz apita,
sai da linha a Santa Rita — 2
e arma em Santa Camarão.

Todos se envolvem na luta — 2
dão-se sopapos à bruta
entre enorme gritaria...

... e no fim quem mais «comeu»
foi um gordo camafeu
que estava na galeria.

Pôrto Amélia

Magala (T. E.)

(Ao ilustre charadista e meu amigo «Euristo», em
guisa de resposta a uma carta recebida numa es-tância de águas do Minho)

21) *Alvorece. Na balseira*
Um rouxinol a cantar.
A névoa sobre a ribeira,
Ao longe, parece o mar.

Dos telhados do casal
Um ténue fumo se escoa:
Faz-se o almôço frugal:
O caldo verde e a broa.

Duma vela à luz mortiça
Abre o «Grandela» da aldeia.
Velhas, caminho da missa,
Mordiscam na vida alheia...

Nasce o Sol, hóstia sagrada; — 3
Calou-se o alado cantor;
Solta a rôla enamorada
Seu triste canto de amor.

Gritos de «homem»: dum zagal — 2
As cabras (bichos daninhos),
Que entram num milheiral.
Cabriolam cordeirinhos.

Dum carreiro aos bois: — «Galante!»
Chega-te ao jugo «Cabano»!
Questões de regas: distante,
Êsmurra outro um fulano.

Há já pobres pela estrada;
Aleijões, misérias, mágoas...
Batem roupa na levada;
Passam «edalgos» p'r as águas...

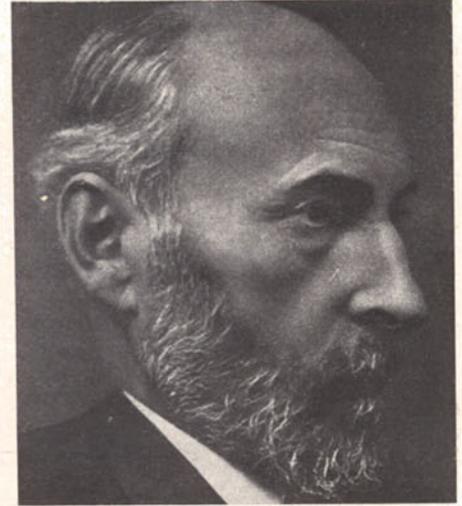
Começa o dia e a lida!
E desde o «homem», ser pensante,
Ao verme, ao ser rastejante,
Tudo busca o pão da vida!...

Lisboa

Sileno.

Tôda a correspondência relativa a esta secção
deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redac-ção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Santiago Ramon y Cajal



A Espanha acaba de perder com a morte de Ramon y Cajal, uma das suas mais ilustres figuras. Sábio de grande renome, as suas investigações biológicas deram um impulso enorme aos conhecimentos humanos. Por isso, o seu nome era respeitado e admirado em todo o mundo. Conservou toda a lucidez até poucos momentos antes da morte e anotou tranquilamente as últimas sensações.

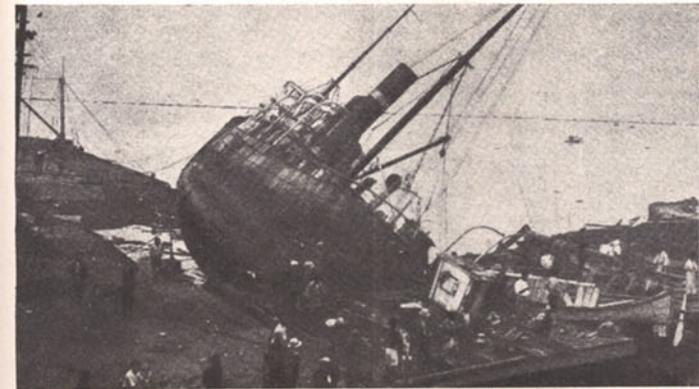
POR ÊSSE MUNDO

O conselho da regência da Jugo-Eslávia



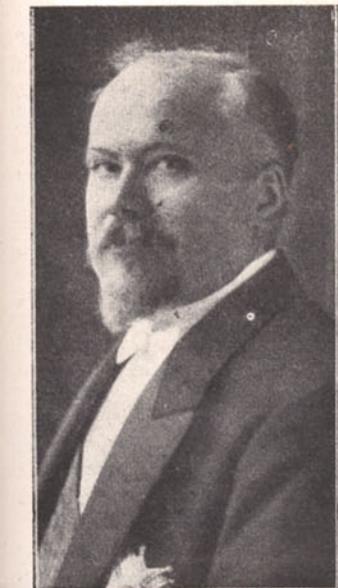
CUMPRINDO as disposições testamentárias do rei Alexandre, assassinado em Marselha, constituiu-se na Jugo-Eslávia um Conselho de Regência formado pelo príncipe Paulo, dr. Perovic e dr. Radenko Stankovic. Competem-lhe as funções de orientação da política do país durante a menoridade do rei Pedro II. Os novos regentes prestaram juramento de fidelidade perante o Congresso, numa cerimónia em que a morte do soberano foi sentidamente evocada. Vem a propósito dizer que o príncipe Paulo recebera instruções de seu primo que parecia prever o triste fim que teve à sua chegada a Marselha.

Um ciclone no Japão



UM terrível ciclone devastou em fins de Setembro o litoral do Japão, causando milhares de vítimas e prejuízos incalculáveis. A força do vento arrazou vilas inteiras e provocou o descarrilamento de dez comboios. As gravuras mostram à esquerda um navio de grande tonelagem que o mar arrojou à costa e à direita as ruas de Osaka invadidas pelas vagas.

A morte de Poincaré

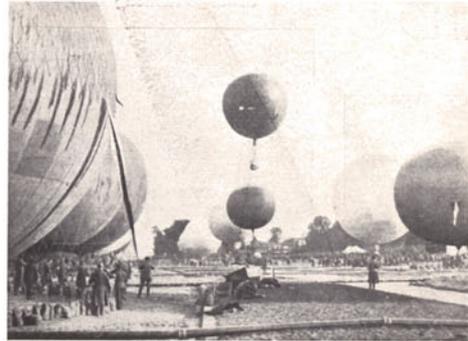


Novo Ministro dos Estrangeiros francês



A França, que ainda não tinha tirado os crepes com que acompanhara à sepultura o malgrado Barthou, quando ainda regressava do cemitério, foi surpreendida pela morte de Raymond Poincaré, o grande presidente que a defendeu durante a guerra. Se Barthou era um dos seus filhos mais queridos, Poincaré havia sido o pai amantíssimo que tudo sacrificara pelo bem da sua pátria. Ao sair para o «front», o grande estadista deixara no seu testamento esta recomendação paternal: «Estou exposto, em toda a parte, a cair aos golpes dum agente inimigo, dum traidor ou dum doido. Se assim desaparecer antes da guerra ter terminado, suplico à França que não se deixe comover com o incidente. A morte dum homem conta pouco na ocasião em que tantos bravos derramam o seu sangue pelo país».

PARA suprir a vaga deixada no ministério Doumergue pela morte de Louis Barthou, tragicamente assassinado em Marselha pelo terrorista croata Kalemén, foi nomeado o antigo presidente do Conselho e grande estadista Pierre Laval que transitou da pasta das Colónias. O seu nome, já sobejamente conhecido nos meios internacionais, é a melhor garantia de que a França prosseguirá sem desfalecimentos na sua política de consolidação da paz mundial dentro do quadro da S. D. N. e nas bases do tão discutido tratado de Versalhes.



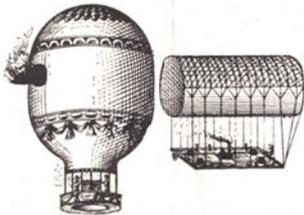
Largada de balões para a disputa da taça Gordon-Bennett

aterrou em Madrid precedendo algumas

horas um furioso temporal que levou pelos ares os telhados dos "hangars", as tribunas do aeródromo e os postes telegráficos.

O vencedor gastou no percurso 37 h 26m, de voo efectivo, mas com numerosas interrupções, pois partindo de Paris em 23 de Maio só chegou a Madrid no dia 20.

Dois dias mais tarde novo grupo de aviadores partia para outra corrida, de Paris a Roma, desta vez com melhor resultado, pois quatro concorrentes, Beaumont, Garros, Frey e Vidart, atingiam a meta ambicionada, após peripécias sem conta, acidentados vários que demonstravam quanto eram grandes a perícia e o



Projectos de aerostatos de Miotlan e Jeannett e de um inventor americano desconhecido

PARA festejar o centenário da cidade de Melbourne, o milionário australiano Macpherson Robertson ofereceu uma importante de libras destinada a subvencionar a organização duma corrida de aviões de Londres a Melbourne e a premiar os concorrentes melhor classificados.

O projecto encontrou imediatos realizadores e a partida foi dada em 20 de Outubro, data comemorativa do 15.º aniversário da primeira tentativa de voo nesse percurso, empreendida pelo capitão Mathews. Estavam inscritos sessenta e quatro aviões, representando treze países, mas devem ter largado apenas cerca de metade deste número.

A distância a percorrer é de 34.828 quilómetros sendo obrigatória a paragem dos concorrentes em Bagdad, Allahabad, Singapura, Porto Darwin e Charleville. O record actual da travessia pertence a Ulm, com seis dias, dezesseis horas, quarenta e cinco minutos.

Foi a primeira vez que numa prova internacional se reuniram tantos aviadores, sendo também esta a corrida aérea de maior percurso até hoje celebrada. Pode afirmar-se que marca na história da aviação uma data memorável e representa a mais formidável afirmação de progresso a consagrar o engenho e o arrojo dos homens.

Quem ousaria sonhar, ha vinte e cinco anos com a possibilidade, sequer, de semelhante empreendimento? As proezas dessa época, os feitos que assombraram o mundo, fazem-nos hoje sorrir desprezivamente.

Foi em 1911 que se assistiu à primeira corrida de aeroplanos entre duas capitais, de Paris a Madrid. A iniciativa, para o tempo temerária, começou de maneira catastrófica e ia acabando num fracasso total.

Efectivamente, o avião dum dos concorrentes não conseguiu tomar altura à partida e para evitar cair sobre a multidão dos assistentes, veio esmagar sob as suas rodas um grupo de elementos oficiais, matando o ministro da guerra e ferindo gravemente o presidente do ministério; prosseguindo apesar de tudo, a corrida foi contrariada pelas más condições atmosféricas e apenas três concorrentes alcançaram terra espanhola, dos quais um único, Vedrines, — cuja aura de glória começou fulgindo nesta jornada —

Século e meido progressos na ciência aeronáutica

Londres-Melbourne reata as tradições desse período glorioso, em moldes gigantescos, compatíveis com o desenvolvimento e a perfeição das actuais máquinas voadoras.

Estas referências ao triunfo prático duma das mais antigas ambições humanas, cujas remotas reminiscencias ascendem aos tempos lendários da mitologia grega, trazem-nos à memória as primeiras tentativas de subida livre na atmosfera, em balões cheios com fumo, e cujo confronto com as proezas dos aviadores contemporâneos mostra eloquentemente quando avançou a ciência em cento e cinquenta anos de vida do mundo.

Foi em 21 de Novembro de 1783 que a temeridade dum sábio, Pilâtre du Rozier, deixando-se arrastar pelo espaço na companhia do marquês d'Arlandes, numa barquinha suspensa dum desses balões de fumo, engenhados por José Montgolfier, permitiu a primeira viagem aérea realizada pelo homem.

Esta aventura bem sucedida entusiasmou numerosos imitadores, e as ascensões seguiram-se a curtos intervalos, sendo uma das mais pitorescas, e simultaneamente dramática, aquela que o mesmo Rozier levou a efeito em Lyon no dia 19 de Janeiro de 1784 e que vamos evocar pelos escritos deixados por algumas testemunhas.

O inventor Mongolfier, após a viagem a que acima nos referimos, projectou repetir em Lyon a experiência, utilizando como passageiro um cavalo, o que demonstra pouca confiança da sua parte no exito da empresa.

O animal escolhido para desempenhar tão pouco invejável missão, pertencia a um moço de estroberia chamado Fontaine, que impava de orgulho com a honra concedida ao seu pupilo.

Sucedeu, porém, que Pilâtre du Rozier, ao ter conhecimento do caso, viu nele a oportunidade de repetir a sua façanha de Novembro anterior e partiu para Lyon, onde insistiu junto de Montgolfier para que mudasse de intenções e preferisse transportar passageiros humanos. A sua argumentação convenceu o inventor, resolvendo ambos partir, levando consigo mais alguns companheiros.

Afluram os pretendentes, cujo número ultrapassou quarenta, nenhum aceitando ceder o seu lugar, mas a pessoa que mais sentiu a mudança de projecto foi o bom do Fontaine, indignado pela desconsideração feita ao seu cavalo, heroi prematuramente destituído. Protestou, quis à viva força impôr a sua candidatura a aeronauta, mas como nada conseguisse refreou o seu rancor e preparou-se para agir no momento oportuno.

No dia da ascensão, e mal o balão

começou a encher, o príncipe Carlos de Ligne, os marqueses de Laurençin e Dampierre e o conde d'Angletor, tomaram de assalto a barquinha, bem armados e resolutos a defender o seu lugar por tôdas as formas.

Montgolfier e Pilâtre não sabiam que fazer para diminuir a tripulação e talvez não chegassem a partir se o intendente Flesselles, que presidia a cerimónia, não tomasse a iniciativa de cortar a amarra, lançando pelos ares os seis companheiros.

Não contavam eles com a teimosia e atrevimento do nosso Fontaine que se julgava com direitos adquiridos, em herança daquelles de que o seu cavalo fóra privado.

O abade Filhol, que presenciou a ascensão, descreve assim como as coisas se passaram: "Um rapaz chamado Fontaine, que estava ao serviço de Montgolfier, furioso pela recusa a admiti-lo no número dos passageiros, teve a ousadia de subir por uma escada até ao ponto mais alto da vedação e, quando o globo passou perto d'ele deu um salto caindo dentro da barquinha, no meio dos aeronautas estupefactos. O abalo que imprimiu à máquina quebrou algumas malhas da rede que sustentava a barquinha e pôs os viajantes em grave risco, apesar dos esforços de Montgolfier e do próprio Fontaine procurando activar a fogueira de palha que fornecia o fumo necessário à

Um gigantesco avião quadri-motor. Por baixo um automóvel que permite avaliar as suas proporções



fôrça ascensional do balão, e retardar a queda iminente no Rodano que corria lá em baixo. A multidão de espectadores, mais de 200.000 pessoas, assistia aterrorada à cena e numerosos barcos se apressavam pelo rio, seguindo a marcha do aerostato, no intuito de socorrer prontamente os seus passageiros.

Uma rajada de vento livrou estes do banho perigoso, atraindo-os para os pantânos visinhos, onde a queda foi rude, ficando Montgolfier com três dentes partidos, o marquês de Laurençin com um ombro luxado e os restantes mais ou menos contusos.

Pilâtre du Rozier relata também, com pormenores emocionantes, esta trágica ascensão.

A inesperada intrusão de Fontaine, prejudicou a subida do globo, que se rasgou pelo excesso de pês, iniciando a queda fatal. Entre os tripulantes houve certa confusão, procurando todos pelos meios ao seu alcance, — dos quais o mais eficaz era activar a fogueira central na esperança de aumentar a produção de fumo, — impedir a queda brusca e irremediável. Não conseguiram realizar por completo os seus desejos e a descida prosseguiu nas circunstâncias que já conhecemos.

Foi nesse momento crítico que o intruso Fontaine deu plena medida da sua coragem e decisão; saltando o bordo da nave, pendurou-se numa corda pendente e, chegando ao solo em primeiro lugar, meteu-se de pé por baixo da barquinha, amortecendo o choque sobre os próprios ombros!

Evocando estas primeiras e incertas viagens aéreas dos homens, não deixemos sem referência o nome dum português que em princípios do século XVIII viveu o mesmo sonho que hoje é realidade. O padre Bartolomeu Lourenço de Gus-

mão, inventor da famosa "Passarola", parece haver experimentado em Agosto de 1709 o aparelho por ele construído, lançado-se do alto dum dos torreões do Terreiro do Paço e conseguindo atravessar a praça ou, segundo outra versão mais optimista, partindo da parada do Castelo de S. Jorge para aterrar nos Paços da Ribeira.

O assunto não está perfeitamente averiguado, ninguém podendo afirmar com segurança se Gusmão voou ou não voou. O que se sabe ao certo é que ele dirigiu ao rei D. João V uma Petição solicitando o exclusivo direito de construir no país aparelhos de transporte aereo, registando a primeira patente de invenção de aeronave que se conhece no mundo.

A "Passarola" consistia numa barca de madeira encanastrada, muito leve, forrada interiormente por tábuas de pinho delgadíssimas; viam-se-lhe nos extremos duas esferas de cobre onde, segundo escrevia o inventor, residia todo o segredo. Tinha também um leme para governar, velame para navegar e, pendentes dos lados, umas asas destinadas "a não cair a embarcação à banda".

Com o fim de melhor guardar o seu segredo, desviando a atenção, atribuía o padre Gusmão a subida da máquina e a sua suspensão "a combinação d'alambre, atracções magnéticas e eléctricas, etc.."

O mistério chegou ao nosso século por desvendar e a aventura de Bartolomeu de Gusmão não se reveste da autenticidade dos factos históricos; o que é idealizou sabemos nós de certeza, mas não vão mais longe os conhecimentos seguros. Contentemo-nos com a dúvida, registando que o espírito aventureiro dos portugueses levou um dos seus a tentar construir, se o não construiu, o primeiro aeroplano sem motor saído da imaginação humana.

Palavras cruzadas

(Passatempo)

1	2	3		4		5	6	7	8
9				10		11		12	
13				14				15	
16				17				18	
				20		21		22	
				24				25	
				27				28	
				29				30	
				31				32	
				34		35		36	
				37				38	
				40				41	

Horizontais:

1. Verbo. — 5. Peça do vestuário. — 9. Outra vez. — 10. Cólera. — 12. Porém. — 13. Nome de pessoa. — 14. Claridade. — 15. Acolá. — 16. Nota musical. — 19. Palavra espanhola. — 20. Desgraça. — 22. Estrêla. — 24. Ponto principal. — 25. Atraí. — 27. Folhas de árvore. — 28. Contestar. — 29. Límite. — 30. Descrente. — 34. Manto. — 37. Fruto. — 38. Espaço de tempo. — 40. Nada. — 41. Legar

Verticais:

1. Tremor. — 2. Escavação subterrânea. — 3. Partê comum às aves. — 4. Símbolo do cristianismo. — 6. Única. — 7. Ordem de pagamento. — 8. Albergue. — 10. Pronome francês. — 11. Carta de jogar. — 17. Cidade da Europa. — 18. Astro. — 20. Peça do vestuário. — 21. Animal. — 22. Fado. — 23. Pedra plana. — 24. Nome dum rio. — 26. Embarcação de alto bordo. — 31. Embo-cadura de rio. — 32. Galinha. — 33. Dois. — 35. Base. — 36. Fluido. — 38. Compaixão. — 39. Se-guia.

Humor britânico



Actriz (falando do seu próximo e segundo casamento): — Está bem de ver, minha querida, que vai ser uma cerimónia absolutamente íntima. Demais, trata-se apenas duma *reprise* e não duma *première*.

(Do «Punch»)



Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — A. V. 7, 2.
Oiros — 5, 3.
Paus — R.

Espadas — — — — **N** Espadas — D. 3.
Copas — R. D. **O** Copas — 9, 4.
Oiros — A. 9, 6, 4. **E** Oiros — 10.
Paus — 6. **S** Paus — D. 9.

Espadas — R. 8, 4.
Copas — 10, 3.
Oiros — — — —
Paus — 10, 8.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o ás e a dama de trunfo sobre a qual N se balda à dama de paus. O balda-se à carta pequena de oiros e a uma de paus, E balda-se a duas de paus. S joga o três de oiros. N cobre e E deve baldar-se à carta pequena de espadas. N joga o naípe a que E se baldar fazendo assim N e S tôdas as vasas.

Passatempo botânico

(Solução)

Da esquerda para a direita, as diversas espécies de folhas pertencem a: cereja, uva, morango, melão e figo.

Há anos um rei do Sião, antecessor do actual, visitou Paris. Manifestou diversas curiosidades que foram prontamente satisfeitas. Uma delas consistia em ver como funcionava a guilhotina.

Em vista disso o fatal instrumento foi montado e convidou-se o seberano a assistir à manobra da descida do cutelo. O rei foi, ouviu atentamente as explicações que o carrasco lhe deu, fez repetir por diversas vezes o funcionamento e quando todos julgavam que ia dar-se por satisfeito pediu para que se fizesse uma experiência prática.

— Impossível — explicaram-lhe — Não há nenhuma execução marcada.

— Não tem dúvida — voltou o rei — Ponham um dos meus criados.

Um grande homem em pedaços

(Passatempo)

Um rapazito, que andava a vender estatuetas, parou à porta dum café, e nesse momento alguém lhe deu um encontrão, que fez cair ao



chão e partir-se, um medalhão em gesso que êle trazia.

O medalhão, que representava a cabeça de um homem célebre, de quem tôda a gente conhece o retrato, partiu-se em treze bocados.

Esses treze bocados são os que se vêem aqui representadas na gravura. Quem quizer ter a paciência de reconstruir a figura, conseguirá descobrir o nome do homem célebre assim espatifado.

Problema de Damas

(Solução)

Jogar da seguinte maneira: 24 19, 28 — 32, 19 15, 32 — 28, 15 10, 28 — 32, 10 14, 32 — 28, 23 27, 28 — 32, 22 18, 32 — 23, 18 27, 30 — 26, 14 9, e ganham as brancas.

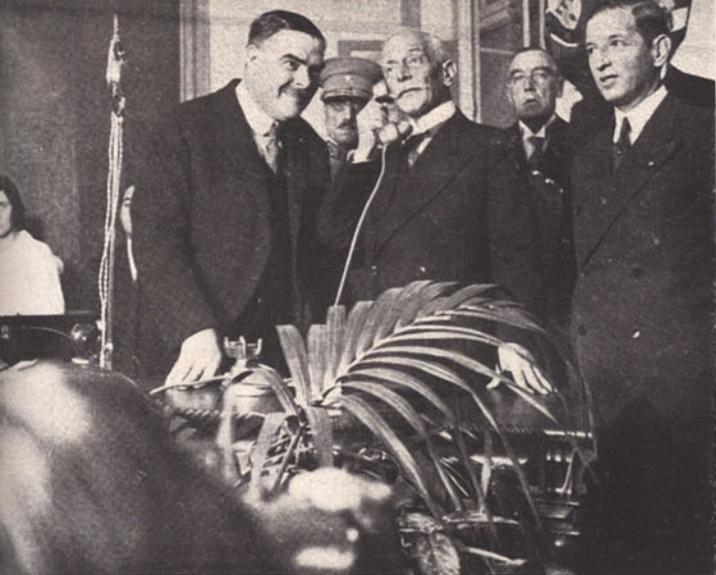
A limpeza dos dentes

A primeira escova de dentes, usada pelos antigos, consistia de um palito de limpar, que era uma pequena haste do tamanho de um lápis de carpinteiro, tendo uma das suas extremidades reduzida ao estado de fibra. Este palito não só servia para limpar os dentes, mas ao mesmo tempo dava ás gengivas uma massagem suave e benéfica. Era usado com o mesmo movimento de cima para baixo e vice-versa recomendado hoje pelos dentistas, de modo que as fibras penetravam entre os dentes e tiravam as partículas dos alimentos que ali haviam aderido. Depois de usado, o palito era deitado fora e preparava-se outro para a ocasião seguinte. Este tipo de escôva de dentes continua a ser empregado ainda hoje pelos povos que, no estado primitivo, habitam em diversas partes do mundo.

No século XVII, foi aperfeiçoado este meio de limpeza dos dentes com o emprego de uma tira de linho de lenços. Começaram na mesma época a ser empregadas várias qualidades de pós dentíficos. Um dos mais simples consistia numa preparação de cortiça queimada, com a qual se esfregavam os dentes.

A inauguração do Automático na zona norte da cidade

Uma importante realização da Companhia dos Telefones



COM a assistência do sr. Presidente da República, Ministros, Governador Civil de Lisboa, representantes da Câmara Municipal, Director Geral da Assistência e outras personalidades em evidência, realizou-se no passado dia 20 de Outubro, a inauguração do sistema telefónico automático na zona norte da cidade. Acontecimento notável, sob todos os aspectos, representa um melhoramento cidadão importantíssimo que vem colocar a capital a par das primeiras cidades do estrangeiro.

O senhor presidente da República acompanhado pelo administrador geral da Companhia, sr. Pope, e ministros, inaugurando o automático na Estação Norte

Inaugurado em 1930 o sistema automático na antiga estação Trindade (série 20.000), quatro anos depois a mais importante zona da cidade vê a sua Estação telefónica transformada também para Automático (série 40.000), e se o sistema daquela representava já um formidável esforço técnico, esta ainda

Momentos antes da chegada do Chefe do Estado, o sr. Grant, gerente da Companhia, dá instruções ao pessoal



lhe fica a dever em qualidade de material e em perfeição de montagem.

A estação Norte no dia da inauguração, 20 de Outubro

A nova Estação Automática Norte, que foi construída com material Strowger, é a mais moderna de todo o mundo e foi construída em menos de um ano por técnicos especializados e por 300 operários portugueses. Cabe aqui, nesta resenha rápida, uma justa referência à notável acção que vêm desempenhando os funcionários superiores daquela Companhia, srs. Pope, Engenheiro Administrador Geral; Douglas Grant, Gerente; Williams, Engenheiro Chefe, e ainda os Engenheiros Armando Ferreira, Smart, Vale, Pinheiro Chagas, etc.

A cerimónia da inauguração foi seguida duma sessão solene onde discursaram os srs. Karr, Director da Companhia em Londres; Prof. Bento Carqueja; Dr. Cortez Pinto, etc.

Prof. Dr. Caeiro da Mata, ministro dos Estrangeiros, à sua chegada à estação Norte



OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tuzzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — **Julio Dantas**.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado. 10\$00

Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado. 10\$00

O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 pá.,inas, brochado 20\$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numeroscos documentos autênticos). — 8 vols., brochado. 96\$00

Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado. 30\$00

Composições várias — 371 páginas, brochado. 10\$00

Poesias — 224 páginas, brochado. 10\$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado. 20\$00

Opúsculos:

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
- » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
- » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
- » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
- » V *Controvérsias e estudos históricos* tomo II, 323 páginas
- » VI *Controvérsias e estudos históricos* tomo III, 309 páginas
- » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
- » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
- » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
- » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado. 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado. 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega, tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado 10\$00

A cafedral, tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado 10\$00

Cortesã de Sagunto, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado 10\$00

Por entre laranjeiras, romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado. 10\$00

Flor de Maio, romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado. 10\$00

Jesuítas, sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado 10\$00

Os morfos mandam, novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado 10\$00

Oriente, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado 10\$00

No país da Arte, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado 10\$00

Terras maldifas, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado 10\$00

Touros de morte, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado 10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo — Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segrêdo da ilha.* 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na Africa.* 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segrêdo terrível.* 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIOS VERDE, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
- 44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo conti-nente.* 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRA-NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVIRA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL - BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Távares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



MATERNIDADE

O mais grato dever de uma mãe é ter a certeza de poder assegurar á criança um alimento natural. Nada ha que substitua com vantagem o leite materno, que dá á criança um forte impulso, fazendo-a triunfar na vida e protegendo a contra todas as doenças infantis.

A "Ovomaltine" tomada antes e depois do nascimento da criança, é inapreciavel para a mãe, produzindo-lhe uma quantidade de leite rico e abundante. Mantem tambem a sua energia e ajuda-a a recuperar a saude normal.

A "Ovomaltine" contem elementos concentrados extraídos dos alimentos naturais mais nutritivos e tónicos — leite fresco, malte seco e ovos. E' de todos os produtos o mais rico em alimentos nutritivos e de uso mais economico.

OVOMALTINE

é a saude

DR. A. WANDER. S. A. — BERNE

A' venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 9\$50, 18\$00 e 34\$00

Unicos concessionarios para Portugal
ALVES & C.ª (IRMAOS)
Rua dos Correeiros, 41, 2.º — LISBOA

P 756